

DENISE NAUDERER HOGETOP

O SÂNDI EM ITALIANO NA FRASE FONOLÓGICA REESTRUTURADA

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor em Letras pelo programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dr. Leda Bisol
Orientadora

Linha de Pesquisa: Análise e Descrição de Sistemas Linguísticos

Porto Alegre
2010

DENISE NAUDERER HOGETOP

O SÂNDI EM ITALIANO NA FRASE FONOLÓGICA REESTRUTURADA

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 6 de janeiro de 2011

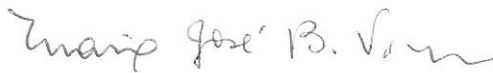
BANCA EXAMINADORA:



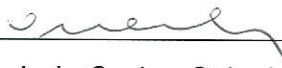
Profa. Dr. Leda Bisol - PUCRS




Profa. Dr. Cíntia da Costa Alcântara - UFPel



Profa. Dr. Maria José Blaskovski Vieira- UFRGS



Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt - UFRGS



Prof. Dr. Jorge Campos da Costa - PUCRS

À minha família,
meu filho, meus pais,
minha irmã e meu marido,
por fazerem parte da minha vida

AGRADECIMENTOS

À estimada Leda, por compartilhar seu conhecimento de forma tão generosa. Agradeço pelos ensinamentos, pelo apoio e pela compreensão e acima de tudo por ter tido o privilégio de ser sua aluna durante os anos de mestrado e doutorado.

As colegas e amigas Marivone Faturi Vacari, Tatiana Keller, Luciana Pilatti Telles e Anna Selmira Jardim da Silva, pela sincera amizade, pelas conversas acadêmicas e informais, pela paciência em me ouvir e pelas considerações tão importantes a respeito deste trabalho.

Agradeço a duas amigas de longa data e muito especiais, Sinara Porto Fajardo e Miriam Maria da Silva, juntamente com a Malu, pela companhia e apoio incondicional. Aprendi com elas mais um pouco sobre o valor da amizade.

Sou grata a professora Dra. Regina Lamprecht pelos ensinamentos e pelo inestimável exemplo.

A Mara e Isabel, incansáveis e sempre gentis, ultrapassando suas atribuições nas inúmeras vezes que estive na secretaria.

Ao Dr. Luiz Carlos Schwindt e à Dra. Claudia Brescancini pelo olhar atento e pelas valiosas contribuições na Banca de Qualificação desta Tese.

À PUC e à CAPES pelas bolsas concedidas.

Considerate la vostra semenza:
fatti non foste a viver come brutti,
ma per seguir virtute e canoscenza

Dante Alighieri

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise do sândi em italiano em fronteira de palavras. Segundo Bisol (1996a, 1996b, 2003), o sândi é um processo de ressilabação, que ocorre na junção de dois itens lexicais, motivado pelo choque de núcleos silábicos. Do apagamento de uma das sílabas resultam elementos flutuantes que, ao serem licenciados prosodicamente, geram fenômenos de sândi: degeminação, elisão e ditongação. Os aspectos a serem analisados são o papel do acento principal da frase fonológica e o papel da morfologia no processo. Em italiano, a ditongação, a elisão e a degeminação ocorrem livremente, quando duas vogais são átonas; no entanto, se a segunda vogal for portadora de acento principal, a elisão e a degeminação são bloqueadas. Frases bloqueadas, se reestruturadas pelo acréscimo de uma palavra, sobre a qual recai o acento principal, ficam liberadas para a aplicação da regra. No entanto, outro obstáculo existe no italiano, pois a primeira vogal da sequência VV pode ser morfema de plural, o qual tende a ser preservado. Esta pesquisa limita-se ao contexto de fronteira de palavras lexicais dentro da frase fonológica, considerando a sua possível reestruturação. Em língua italiana, os fenômenos de sândi foram objeto de estudos de Nespor (1987, 1990, 1993) e Nespor e Vogel (1982, 1986), na perspectiva da teoria prosódica e de Garrapa (2006, 2007) na perspectiva da OT. No português brasileiro, os fenômenos de sândi foram estudados por Sousa da Silveira (1971), Bisol (1996a, 1996b, 2003), Tenani (2002), entre outros. Este trabalho fundamenta-se nos princípios da Teoria Prosódica e da Teoria da Otimidade. A primeira define especificamente o domínio da frase fonologia e a segunda prevê um conjunto de restrições, entre as quais, as de fidelidade que controlam a relação entre *input* e *output* e as de marcação que se referem à boa formação do *output*. Para dar conta desses resultados, valemo-nos da restrição conjunta proposta por Bisol (2003) para o português brasileiro, responsável por controlar o sândi vocálico em limite de palavras, em que V2 é portadora de acento frasal e, para controlar o papel da morfologia dos plurais do italiano propomos uma hierarquia na qual a restrição MaxMorphPl ocupa um lugar alto no ranqueamento. Argumentamos que a interação entre restrições fonológicas e morfológicas é responsável pelo mapeamento dos resultados no italiano.

Palavras-chave: Sândi, Fonologia, Morfologia, Teoria da Otimidade, Teoria Prosódica, Italiano.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the external sandhi rules in Italian. According to Bisol (1996a, 1996b, 2003), the sandhi resyllabification is a process which occurs at the juncture of two lexical items, motivated by the shock of syllabic nuclei. The deletion of one syllable results in floating elements, which are prosodically licensed, generate sandhi phenomena: degemination, elision and diphthongization. The aspects to be examined are: the role of the phonological phrase main stress and the role of morphology in the process. In Italian diphthongization, elision and degemination freely occur when the two vowels are unstressed, but faces two obstacles: the phrasal main stress and plural morpheme. This study shows that the blocking of sandhi is not the word stress, but the phrasal stress. Therefore, this study is limited to the words borders within the phonological phrase. In Italian, the sandhi phenomena were objects of studies Nespor (1987, 1990, 1993) and Nespor and Vogel (1982, 1986) in light of the Prosodic Theory and Garrapa (2006, 2007) in light of the Optimality Theory. In Brazilian Portuguese, sandhi phenomena were studied by Sousa da Silveira (1971), Bisol (1996a, 1996b, 2003), Tenani (2002), among others. This work is based on principles of Prosodic Theory and the Theory of Optimality. The first specifically defines the domain of phonological phrase and the second provides a set of constraints, among them those named Faithfulness, that control the relationship between input and output and those named Markedness that refer to the proper formation of the output. To account for these results, we need the local conjunction proposed by Bisol (2003) for Brazilian Portuguese, which is responsible for controlling the sandhi at word limits, where the second vowel carries the phrasal stress and the constraint MaxMorphPl to control the role of the Italian plural morphology. We argue that the interaction between phonological and morphological constraints is responsible for mapping the results in the Italian language.

Keywords: Sandhi, Phonology, Morphology, Optimality Theory, Prosodic Theory, Italian.

RIASSUNTO

Questo studio presenta un'analisi del sandhi esterno in italiano. Secondo Bisol (1996a, 1996b, 2003), la resillabificazione nel sandhi è un processo motivato dallo shock dei nuclei sillabici. La soppressione di una sillaba risulta in elementi galleggianti, che sono inseriti nella struttura prosodica. Dalla sua inserzione risultano i fenomeni sandhi: degeminazione, elisione e dittongazione. Gli aspetti da esaminare sono: il ruolo dell'accento della frase fonologica e il ruolo della morfologia nei suddetti processi. In italiano, dittongazione, elisione e degeminazione si verificano liberamente quando le due vocali sono atone, ma devono affrontare due ostacoli: l'accento della frase e il morfema del plurale. Questo studio ci indica che quello che blocca il sandhi non è l'accento della parola, ma quello della frase. Pertanto, questo studio ha come oggetto i confini di parole all'interno della frase fonologica. In italiano, i fenomeni del sandhi furono oggetto di studio di Nespor (1987, 1990, 1993) e Nespor e Vogel (1982, 1986), alla luce della Teoria Prosodica, e di Garrapa (2006, 2007), alla luce della Teoria dei Vincoli. In portoghese brasiliano, i fenomeni del sandhi sono stati studiati da Sousa da Silveira (1971), Bisol (1996a, 1996b, 2003), Tenani (2002), tra altri. Questo lavoro si basa sui principi della Teoria prosodica e della Teoria dei Vincoli. La prima definisce specificamente il dominio della frase fonologica e la seconda fornisce un insieme di restrizioni, tra cui quelle denominate di fedeltà, che controllano il rapporto tra *input* e *output* e quelle denominate di marcatezza che si riferiscono alla corretta formazione dello *output*. Per tener conto di questi risultati, facciamo uso di un vincolo di congiunzione locale proposta da Bisol (2003) per il portoghese brasiliano, il quale è responsabile per il controllo del sandhi vocale nei limiti delle parole, in cui la seconda vocale porta l'accento frasale. Per controllare la morfologia del plurale in italiano facciamo uso del vincolo MaxMorphPl. Sosteniamo che l'interazione tra i vincoli fonologici e morfologici è responsabile per i risultati ripetibili in italiano.

Parole chiave: Sandhi, fonologia, morfologia, Teoria dei Vincoli, Teoria Prosodica, italiano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hierarquia Prosódica, adaptada de Nespor e Vogel (1986, p. 8)	19
Figura 2 – Molde silábico do italiano, adaptado de Nespor (1993, p. 158)	45

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Esquema de formação do plural em italiano adaptado de Dardano, M., Trifone, P. <i>Grammatica Italiana</i> , 1995. P. 180.	41
Quadro II - Classificação dos Nomes em Italiano - adaptado de D'Hulst, Yves. Romance Plurals. <i>Língua</i> , v. 116, no 9, 2006.	42
Quadro III - Dados dos Informantes	54
Quadro IV- Palavras com vogal inicial acentuada - Fonte: Lo Zingarelli Minore	55
Quadro V - Dados de Degeminação	57
Quadro VI – Dados de Elisão	57
Quadro VII – Dados de Ditongação	58
Quadro VIII – Esquema de formação do plural em italiano adaptado de Dardano, M., Trifone, P. <i>Grammatica Italiana</i> , 1995. P. 180.	60

ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

Domínios prosódicos

σ: sílaba
Σ: pé
w: palavra fonológica
C: grupo clítico
φ: frase fonológica
I: frase entoacional
U: enunciado fonológico

Regras fonológicas

D: degeminação
VE: *vowel elision*
RS: *raddoppiamento sintattico*
SR: *stress retraction*
FL: *final lengthening*
SR: retração do acento

Estrutura silábica

σ: sílaba
A: ataque *onset*
R: rima
Nu: núcleo
Cd: Coda

Princípios

OCP: Princípio do Contorno Obrigatório
PSS: Princípio de Sequenciamento de Sonoridade
SLH: *Strict Layer Hypothesis*

Outras convenções

(C): consoante
V: vogal
‘V: vogal acentuada
` : acento secundário
´ : acento primário
N: nome
A: adjetivo
V: verbo
DTE: elemento designado terminal
FSR: regra de fala rápida

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	16
2.1	Introdução.....	16
2.2	Teoria Prosódica	16
2.2.1	Introdução	16
2.2.2	A proposta de Ghini (1993) para a frase fonológica	23
2.2.3	Uma discussão sobre o grupo clítico.....	24
2.3	Teoria da Otimidade	26
2.3.1	Introdução	26
2.3.2	Alinhamento Generalizado	28
2.3.3	A Restrição Conjunta.....	30
2.3.4	A emergência do não marcado.....	31
3	ESTADO DA ARTE	33
3.1	Introdução.....	33
3.2	Italiano	33
3.2.1	Outros estudos no italiano.....	37
3.3	O sândi em catalão e no chicano	39
3.4	Morfologia do italiano – gênero e número	41
3.5	Sistema vocálico do italiano	43
3.6	A Sílabas no Italiano.....	44
3.7	O Acento no Italiano	46
3.8	Português Brasileiro	48
3.8.1	Elisão.....	49
3.8.2	Ditongação	50
3.8.3	Degeminação	50
4	ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	53
4.1	Coleta e organização dos dados	53
4.1.1	Informantes	53
4.1.2	Descrição e tabulação dos dados.....	56
4.1.2.1	Degeminação	57
4.1.2.2	Elisão	57
4.1.2.3	Ditongação	58
5	ANÁLISE	59
5.1	Introdução.....	59
5.2	Hierarquia das restrições.....	61
5.3	Degeminação	63
5.3.1	Adjetivo + Nome (singular)	63
5.3.2	Verbo + Nome	67
5.3.3	Adjetivo + Nome (plural).....	70
5.3.4	Superaplicação da degeminação nos contextos que envolvem os morfemas plural /i/ e /e/ do italiano.....	74
5.3.5	Verbo + Nome	76
5.4	Elisão	80
5.4.1	Adjetivo + Nome (singular)	80
5.4.2	Adjetivo + Nome (plural).....	83

5.5	Ditongação	86
5.5.1	Adjetivo + Nome (plural)	87
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é a investigação dos fenômenos de sândi externo em italiano, denominados ditongação, elisão e degeminação, desencadeados pela junção de duas palavras cujas sílabas, final e inicial, são constituídas por vogais que pertencem a diferentes palavras lexicais, ocorrendo, neste caso, a resolução do hiato vocálico pelo desaparecimento de uma das sílabas no domínio da frase fonológica.

O aspecto a ser analisado é o papel do acento principal, na ocorrência destes fenômenos em italiano na junção entre palavras lexicais e funcionais. Duas abordagens teóricas foram consideradas neste estudo. A Teoria Prosódica desenvolvida por Selkirk (1978, 1980, 1984) e Nespor e Vogel (1982, 1986) define os domínios prosódicos, mais especificamente, a frase fonológica. A Teoria da Otimidade (OT) fornece o modelo de análise do mapeamento entre as estruturas subjacente e de superfície, organizando a gramática por meio de restrições de fidelidade e marcação.

No âmbito da OT, a proposta do Alinhamento Generalizado (McCarthy & Prince, 1993, 2004) estabelece as restrições que mapeiam as estruturas subjacente e de superfície com relação à interação entre categorias morfológicas, fonológicas e prosódicas, as quais, juntamente com restrições dos tipos de fidelidade e marcação, interagem na resolução do hiato. A proposta da Restrição Conjunta (Lubowicz, 2002) será a base de nossa análise do sândi no âmbito da frase fonológica, segundo a qual uma restrição conjunta e suas partes são responsáveis pela resolução do hiato vocálico no contexto do encontro de duas vogais pertencentes a vocábulos distintos.

Em língua italiana, os fenômenos de sândi foram objeto de estudos de Nespor (1987, 1990, 1993) e Nespor e Vogel (1982, 1986), na perspectiva da teoria prosódica e de Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b, 2007c) na perspectiva da OT.

No português brasileiro (doravante PB), os fenômenos de sândi foram estudados por Sousa da Silveira (1971), Bisol (1996a, 1996b, 2003), Tenani (2002, 2006), entre outros.

A elisão e a ditongação figuram entre os fenômenos de sândi: “Nome da gramática do sânscrito para designar alterações morfofonêmicas condicionadas fonologicamente” (Bisol, 1996a: 1)¹. O sândi é assim definido.

É um conceito gramatical que os hindus já tinham utilizado com o nome de “sândi” (isto é, *sandhi* “colocação” de *sam* – “reunião” e *dha* “pôr”). Eles distinguem o sândi externo, adaptação da parte final de um vocábulo à inicial do seguinte, dentro de um grupo de força (o que hoje também se tem chamado de fonética sintática) e o “sândi interno” na combinação dos morfemas dentro de um vocábulo. (Mattoso Câmara, 1971: 43)

Mattoso Câmara (1971), ao definir o limite do vocábulo em português, já argumentava ser um erro supor que estes são separados entre si por pausas na fala corrente. As pausas que separam os vocábulos na língua escrita não indicam interrupção de voz na língua oral. De forma muito clara, explica que as pausas marcam uma divisão acima disso, a que denomina de “grupos de força”, exemplificando que entre um substantivo e um adjetivo que o qualifica não há qualquer pausa, embora haja dois vocábulos fonológicos. O que define o vocábulo fonológico é a força relativa de emissão de suas sílabas, em relação ao acento. Portanto, para Mattoso Câmara, o que define a verdadeira marca da delimitação vocabular é a sua pauta prosódica. Disso se conclui que o estudo dos fenômenos de sândi envolve questões relacionadas diretamente ao acento de palavras em fronteiras vocabulares no fluxo de fala.

Souza da Silveira (1971) também considerava a necessidade de diferenciar a Fonética Vocabular, estudo dos fenômenos fonéticos que ocorrem nas palavras isoladamente, da Fonética Sintática, que estuda as modificações sofridas pelas palavras em decorrência do fluxo da fala. Na obra *Fonética Sintática*, o pesquisador apresenta um estudo dos fenômenos de sândi encontrados em textos literários antigos, que correspondem à realização oral.

(1)² “*dandar*” (d’andar)

“mais antigo *quelles*” (que eles)

“E dizem *quisto* (que isto) é o que quis dizer Platão”

“primeiro *queu*” (que eu).

(Pinto, 1843, apud Silveira, 1971: 5)

¹ A numeração das citações deste artigo corresponde ao original da autora.

² A numeração empregada ao longo do texto é específica de cada capítulo.

Destacamos em nosso estudo as pesquisas de Bisol (1996a, 1996b, 2001, 2003) que oferecem subsídios para nossa análise. Segundo Bisol, o sândi é um processo de ressilabação, que ocorre na junção de dois itens lexicais, motivado pelo choque de núcleos silábicos. No apagamento de uma das sílabas, resultam elementos flutuantes que, ao serem licenciados prosodicamente, geram fenômenos de sândi como, degeminação, elisão e ditongação. Desta forma, o sândi, qualquer que seja – degeminação, elisão ou ditongação, perde uma sílaba.

Nespor (1987), Bisol (1996a) e Tenani (2002: 177-179) afirmam que, em sequência de vogais átonas, os fenômenos de sândi externo, ocorrem livremente entre todas as fronteiras prosódicas, sendo bloqueados somente por pausa.

(2) a) Eu estava hospitalizado > esta[vos]pitalizado (Bisol, 1996a: 3)

b) *È stato senz'altro molto offensivo quel gesto.* > *È stato senz'altro mol [to] ffensivo quel gesto.* (Nespor, 1987: 71)
 'Sem dúvida, aquele gesto foi muito ofensivo.'³

No entanto, quando a segunda vogal é acentuada, segundo Nespor, nada ocorre:

(3) *Dicono che mangiava alghe e nient'altro.* (*mangiávalghe) (Nespor, 1987: 73)
 'Dizem que comia algas e nada mais.'

O asterisco neste caso mostra o resultado mal formado, uma vez que *alghe* porta acento primário de palavra. Do mesmo modo ocorre com o PB:

(4) *Cóm[u] úvas* > * *comuvas*

Em (4) a degeminação não ocorre. Bisol (1996a) atribui o bloqueio ao acento nuclear de uvas, ou seja, ao acento de palavra quando esse corresponde ao acento de frase, isto é, acento nuclear. O desalinhamento do pé principal da frase fonológica que o apagamento da sílaba provocaria, impede a degeminação no PB.

Estudos recentes do italiano (Hogetop, 2006, 2010) mostram que o bloqueio do sândi está condicionado ao acento principal nuclear, assim como afirma Bisol (1996a) para o PB.

(5) Quella [grandissima águila]ϕ [bianca]ϕ se ne è andata via. (sem reestruturação)
 ‘Aquele enorme águia branca foi embora’.
 [grandissima aquila biánca]ϕ > grandissi[ma]quila (Hogetop, 2006: 107)

A hipótese que dirige esta pesquisa é que o acento nuclear, como obstáculo ao sândi, é uma característica das línguas românicas.

As questões abaixo merecem destaque:

1. Que restrições de interface do tipo, morfologia, fonologia e prosódia estão envolvidas?
2. Qual o papel da morfologia do plural no sândi?

Esta tese que se desenvolve nas áreas da Teoria Prosódica e da Teoria da Otimidade organiza-se da seguinte forma:

Na introdução apresentamos o problema, a sua justificativa, o objetivo geral e os específicos da pesquisa, bem como a hipótese que norteia o trabalho.

No segundo capítulo expomos os pressupostos da Teoria Prosódica e da OT, com ênfase na reestruturação da frase fonológica e nas propostas do Alinhamento Generalizado e da Restrição Conjunta.

No terceiro capítulo apresentamos o Estado da Arte, destacando as pesquisas sobre o sândi em italiano e em português, bem como outros estudos sobre o tema. Além disso, apresentaremos aspectos do sistema fonológico do italiano no que se refere ao inventário vocálico, molde silábico, acento e a morfologia da formação do plural.

No quarto capítulo tratamos da organização e descrição dos dados.

No quinto propomos, com base na proposta da Restrição Conjunta (Lubowicz, 2002), restrições de alinhamento, marcação e fidelidade, uma hierarquia que dê conta do mapeamento fiel dos encontros vocálicos do italiano. Por fim, seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

³ A tradução dos trechos é de minha responsabilidade.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Introdução

Neste capítulo, será apresentado o modelo teórico da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1978, 1984), (Nespor e Vogel 1986) e da Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky, 1993, 2004) (McCarthy & Prince 1993, 2004), destacando as propostas do Alinhamento Generalizado (1993, 2003) e da Restrição Conjunta (Lubowicz, 2002).

2.2 Teoria Prosódica

2.2.1 Introdução

Na Teoria Gerativa standard, que era caracterizada por uma organização linear dos segmentos, o domínio de aplicação das regras era definido em termos de limites da estrutura morfossintática. A base é a sintaxe com a morfologia envolvida e a fonologia e a semântica são componentes interpretativos. Com o surgimento da Teoria não-linear, desenvolve-se amplamente a fonologia – abrindo-se a possibilidade de estudos em separado da fonologia e da prosódia.

Na gramática gerativa standard (Chomsky e Halle, 1968), o acento era considerado um traço específico como os demais traços fonéticos que compunham um segmento. Com a entrada da Fonologia não-linear, Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977:265), demonstraram que o acento não é um traço de um segmento, e sim o reflexo de uma estrutura hierárquica que organiza as sílabas, palavras e frases sintáticas de uma sentença. Nesta visão, os constituintes têm uma relação de proeminência relativa, sendo sempre um deles forte (s) e o outro fraco (w). Halle e Vergnaud (1978) e Hayes (1980) formalizam as regras do acento, introduzindo a ideia da existência de duas direções para a atribuição do acento e a noção de pés métricos a partir de Liberman e Prince.

Estas propostas contribuíram para a compreensão de que existe uma fonologia prosódica que controla a relação entre sintaxe e fonologia, uma vez que foi possível considerar uma estrutura prosódica de base sintática. No entanto, apesar desse avanço, as relações entre as estruturas fonológicas acima da palavra com a sintaxe não estavam claras. Foi Selkirk (1978), a responsável por formular regras explícitas para a construção de categorias fonológicas acima do nível da palavra, mostrando que a estrutura prosódica parte da informação sintática, mas uma e outra não são isomórficas.

O trabalho de Selkirk *On prosodic structure and its relation to the syntactic structure* (1978) pode ser considerada a semente da Fonologia Prosódica frasal. Por essa teoria fica estabelecido que a fala é organizada em uma hierarquia prosódica construída a partir de outros componentes da gramática. Selkirk questiona a natureza da relação entre a estrutura prosódica de uma sentença e sua estrutura sintática, bem como, em que extensão a estrutura prosódica é autônoma em relação à sintaxe. A autora entende que existem princípios de boa formação para a estrutura prosódica, alguns dos quais, variáveis de língua para língua, e que esses, combinados com os princípios de mapeamento sintático-fonológico, determinam a estrutura prosódica da sentença.

Selkirk (1990:180) argumenta que dois parâmetros exercem papel fundamental no mapeamento da representação sintática nos domínios da hierarquia prosódica, os quais formam a constituição essencial da representação fonológica. O primeiro é o parâmetro de categoria designada, segundo o qual para cada nível da estrutura prosódica existe uma categoria designada da estrutura sintática, em respeito à qual a representação fonológica é definida. O segundo, denominado parâmetro final, incorpora a hipótese de que somente um limite ou fronteira dessa categoria é relevante para definir o constituinte prosódico. Esses parâmetros, em conjunto, formam um parâmetro de mapeamento constituindo as restrições sintáticas na estrutura prosódica para qualquer sentença da língua. A autora entende que também existem princípios da estrutura prosódica e que as línguas impõem restrições fonológicas individuais na sua estrutura. Isto vale dizer que os constituintes sintáticos têm suas fronteiras delimitadas a partir da informação sobre a fronteira direita ou esquerda das categorias sintáticas do tipo XP.

Portanto, Nespor e Vogel (1986:6) que desenvolvem a sua Teoria Prosódica com base na proposta germinal de Selkirk (1978) têm uma definição mais restrita de constituinte prosódico, pois todo o cabeça, nome (N), adjetivo (A) e verbo (V) são considerados um constituinte. Em termos gerais, o que a teoria propõe é a organização de uma sequência de segmentos em constituintes fonológicos hierarquicamente organizados, os quais constituem

contexto para a aplicação das regras fonológicas. Nespor e Vogel (1986) propõem sete constituintes para a hierarquia prosódica. Cada constituinte é formado de acordo com a tradicional definição de constituinte; um cabeça e seu(s) dominado (s). Os constituintes prosódicos são gerados a partir da estrutura morfossintática, porém, não há necessariamente isomorfia entre eles. O que vale dizer que, como princípio básico, as regras que constroem constituintes prosódicos, a partir das estruturas morfossintáticas, não são recursivas, enquanto são as regras que constroem a hierarquia sintática. Desta forma, Nespor e Vogel (1986), consideram cabeças lexicais de frases fonológicas apenas N, V e A. Assim, sempre que estes constituintes se encontram em um enunciado, serão frases fonológicas autônomas do ponto de vista da Teoria Prosódica. Nas línguas românicas, adjetivos, que complementam nomes estão no seu lado direito, na posição não marcada, o que significa que em uma sequência de N seguido de A, cada um deles será uma frase fonológica. No entanto, o N que constitui uma frase fonológica pode incorporar em sua máxima projeção o constituinte que estiver em seu lado não recursivo, isto é, o que estiver em seu lado esquerdo. Portanto frases que apresentem a ordem A seguido de N constituirão uma só frase fonológica, enquanto N seguido de A, constituem duas frases fonológicas. Nespor e Vogel (1986:169) afirmam: “Em outras palavras, categorias sintáticas principais contam como cabeças para os propósitos da prosódia somente quando estão na posição não marcada”⁴.

Nespor e Vogel (1986:11) estabelecem as sete unidades da hierarquia prosódica em um escala⁵ de domínios fonológicos que vai do menor constituinte prosódico ao maior, os quais constituem os domínios de aplicação das regras fonológicas. A representação está abaixo:

⁴ In other words, major syntactic categories count as heads for the purposes of prosody only when they are in the unmarked position.

⁵ Sobre a escala prosódica ver os artigos de Alan Hall (1999)

Hierarquia prosódica

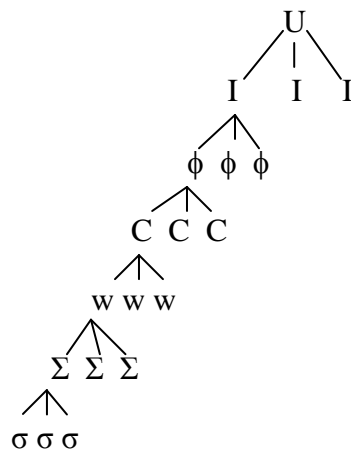


Figura 1 – Hierarquia Prosódica, adaptada de Nespor e Vogel (1986:16)

Para o presente trabalho, a análise do sândi será realizada a partir do constituinte denominado frase fonológica (ϕ), não contemplando os constituintes frase entoacional (I), enunciado (U) e grupo clítico.⁶

Os constituintes prosódicos, que são domínios de aplicação de regras fonológicas são definidos pelos seguintes princípios:

(1) *Princípio 1.* Uma unidade não-terminal de hierarquia prosódica, X_p , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X_{p-1} .

Princípio 2. Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior.

Princípio 3. Os constituintes da escala prosódica são estruturas n-árias.

Princípio 4. A relação de proeminência relativa entre os nós irmãos é tal, que a um só nó é atribuído o valor forte (S) e a todos os demais o valor fraco (W).

(Nespor e Vogel, 1986:7)⁷

⁶ Ver o item 2.2.3 para uma discussão sobre o grupo clítico.

⁷ (1) *Principle 1.* A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{p-1} .

Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.

Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all other nodes are assigned the value weak.

Conforme Nespor e Vogel (1986:8), os dois primeiros princípios recuperam a *Strict Layer Hypothesis* de Selkirk (1984). O primeiro exige que suas unidades que a compõem pertençam a um constituinte mais baixo na hierarquia. Especificamente o segundo determina que o constituinte seja totalmente incluído no nível imediatamente superior e não possa pertencer a dois constituintes de ordem superior, por exemplo, uma sílaba não pode pertencer a dois pés. O terceiro princípio prevê estruturas n-árias, em contraste com propostas anteriores que admitiam apenas estruturas binárias. O quarto define os constituintes prosódicos, o que define apenas um nó forte dentro de um constituinte.

Considerando que todos os constituintes devam estar submetidos aos mesmos princípios, uma única regra define sua construção:

(2) Construção do Constituinte Prosódico

Junte em uma construção n-ária X^P todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de X^P .

(Nespor e Vogel, 1986:7)⁸

A frase fonológica (ϕ) é o nível da hierarquia prosódica constituído de um X, cabeça lexical, N, V ou A, que incorpora outra palavra fonológica ou grupo clítico no seu lado não recursivo. O cabeça lexical que estiver no lado recursivo, no caso do italiano, assim como no português, à direita, será outra frase fonológica.

(3) Construção de ϕ

Junte em uma ϕ de construção n-ária todos os Cs incluídos em uma cadeia delimitada pela definição de domínio de ϕ . (Nespor e Vogel, 1986:168)⁹

⁸ (2) Prosodic Constituent Construction

Join into a n-ary branching X^P all X^{P-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^P . (Nespor e Vogel, 1986:7)

⁹ (3) ϕ construction

Nespor e Vogel (1986) assim definem a constituição da frase fonológica:

Em línguas românicas, adjetivos que são complementos de nome ocorrem à direita do nome no caso não-marcado; no entanto, podem também ocorrer à esquerda. É nesse caso e não no primeiro, que eles ficam incorporados na frase fonológica com o cabeça lexical N. Em outras palavras, categorias sintáticas maiores contam como cabeças de constituintes prosódicos somente quando estão em posição não-marcada.¹⁰

A frase fonológica, por sua vez, pode ser reestruturada, incorporando o primeiro complemento ou modificador em seu lado recursivo, desde que este não seja ramificado. A regra de reestruturação da frase fonológica é um dos aspectos centrais desta pesquisa.

(4) Reestruturação de ϕ (opcional)

Junte uma construção ϕ que for o primeiro complemento de X no seu lado recursivo à ϕ que contém X. (Nespor e Vogel, 1986:173)¹¹

Tomamos da autora o exemplo de aplicação do *Raddoppiamento Sintattico* (RS) decorrente da reestruturação da frase fonológica. O RS é uma regra de ressilabificação na qual uma palavra precedida de uma palavra oxítone acabada em vogal tem sua consoante inicial alongada, ocupando duas posições, uma das quais fecha a sílaba da palavra precedente. Vejamos o exemplo:

- (5) a) *Se non c'è altro, [mangerò [p:]anini] ϕ*
 ‘Se não tem outra coisa, comerei sanduíche.’
 b) *Se non c'è altro, [mangerò] ϕ [[p]anini col salame] ϕ*
 ‘Se não tem outra coisa, comerei sanduíche com salame.’
 (Nespor, 1993:204)

Join into a n-ary branching ϕ all Cs included in a string delimited by the definition of the domain of ϕ . (Nespor e Vogel, 1986:168)

¹⁰ In Romance languages, adjectives that are complements of nouns occur to the right of the noun in the unmarked case; they may also occur in certain cases, however, to its left. What (5I) claims is that in the second case, but not in the first case, adjectives will be joined into a phonological phrase together with the head N. In other words, major syntactic categories count as heads for the purposes of prosody only when they are in the unmarked position. (Nespor e Vogel, 1986:169).

¹¹ (4) ϕ restructuring (optional)

A nonbranching ϕ which is the first complement of X on its recursive side is joined into the ϕ that contains X. (Nespor e Vogel, 1986:173)

Em (5b) o RS não se aplica, pois o constituinte [panini] é ramificado e conseqüentemente não pode ser incorporado à frase fonológica precedente [mangerò], que permanece sendo um constituinte isolado. Esta aplicação não pode ser explicada se considerarmos apenas os constituintes sintáticos.

Nespor e Vogel (1982) salientam o caráter universal da estrutura prosódica, uma vez que outros tipos de fenômenos de sândi externo ocorrem em várias línguas, como por exemplo, a Retração do Acento (SR) em inglês, semelhante à do italiano. A SR é uma regra que se aplica na sequência de duas palavras, das quais a primeira termina em sílaba acentuada e a segunda tem acento primário em sua primeira sílaba. Vejamos:

(6) [[[Ventitré médic*i*] φ [del Perú]φ]I [[sono stati]φ [[dalle tribú]φ nordic*he*]φ]IU

(Nespor e Vogel, 1982: 237)

Nesta sentença há três pares de palavras com o contexto para aplicação do SR: *ventitré medici*, *Perú sono*, *tribú nordic*he**. No primeiro caso o SR se aplica obrigatoriamente dentro da φ. No terceiro caso, o SR se aplica em razão da reestruturação da φ. No segundo caso não, uma vez que as duas palavras pertencem a φ's diferentes.

Além disso, Nespor e Vogel (1982) defendem a ideia de que a gramática (teoria da competência) precisa incluir um componente prosódico hierarquicamente organizado como parte da fonologia, ressaltando o papel do constituinte prosódico como domínio de regras.

No artigo *Vowel degemination and fast speech rules*, Nespor pretende estabelecer quais as regras fonológicas que se aplicam em domínios maiores com o aumento da velocidade da fala.

Neste artigo, defende a ideia de que as assim chamadas Regras de Fala Rápida (FSRs) se aplicam em um dado domínio. Das sete categorias prosódicas (sílabas, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado), as quais servem de domínio de aplicação de regras fonológicas, apenas a frase entonacional e o enunciado podem ser reestruturados em função de fatores do tipo velocidade da fala. Nos domínios menores, apesar de serem também passíveis de reestruturação, a sua ocorrência não é devida à velocidade da fala. Em outros termos, as regras fonológicas das categorias abaixo da frase entonacional não terão um domínio gradiente de aplicação, enquanto as regras das categorias “maiores” terão.

Da mesma forma que Nespor (1987), partimos do pressuposto que a velocidade da fala não interfere na aplicação da elisão e da ditongação no domínio da frase fonológica.

2.2.2 A proposta de Ghini (1993) para a frase fonológica

A proposta da fonologia prosódica (Selkirk, 1984 e Nespor e Vogel, 1986) destaca a necessidade da não isomorfia entre os componentes sintático e fonológico. No entanto, as regras de formação dos constituintes, e mais especificamente, a regra de reestruturação da frase fonológica, fazem referência aos domínios delimitados pelos cabeças de máxima projeção (*Xhead*) da sintaxe.

Ghini (1993) defende que, além dos pressupostos básicos de Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986), outros princípios prosódicos devem ser considerados, tais como peso, balanço e simetria, os quais contribuem para a euritmidade de um enunciado, pois a frase fonológica é sensível a estes fatores em lugar da ramificação baseada na informação sintática. Ghini propõe uma substituição da regra de formação da frase fonológica constituída apenas com base em informações prosódicas. A nova regra olha para limites de *Xmax* e não de *Xhead* e o algoritmo de construção é baseado em princípios de ritmo e balanço.

Ghini propõe que preposições e determinantes são clíticos na estrutura prosódica e que formam, juntamente com a palavra seguinte, uma única palavra fonológica. Portanto, essas palavras também podem ser o elemento incorporado à frase fonológica na regra de reestruturação. Assumindo esta posição, a ramificação passa a ser definida em termos puramente fonológicos, e não mais dependente do componente sintático.

Ghini exemplifica sua proposta apresentando a aplicação da regra de *Final Lengthening* (FL), regra fonológica que alonga a vogal que porta acento principal em uma palavra final de ϕ , em casos, nos quais o cabeça toma uma PP como complemento.

(7) (*Le mura di Bergamo*) ϕ *sono storicamente importanti* ‘Os muros de Bergamo são historicamente importantes.’ (Ghini, 1993:46)

De acordo com Nespor e Vogel (1986), o exemplo em (7) seria constituído de duas frases fonológicas, porém Ghini (1993) sustenta que a frase foi reestruturada com o elemento

di Bergamo. Note-se que a FL não se aplica no constituinte *mura*, porém se aplica no cabeça da frase fonológica, o constituinte *Bergamo*, que porta o acento principal da frase.

Além disso, Ghini (1993) defende a ideia de que peso, balanço e simetria são os fatores que controlam a reestruturação, pois nas línguas as sequências são escandidas simetricamente, em tamanhos semelhantes e de acordo com a direção recursiva da língua.

Sua ideia, portanto, é reformular a noção de reestruturação da ϕ em termos de relações de peso e não de ramificação, ou seja, frases fonológicas pesadas em oposição a frases fonológicas leves. A sintaxe, portanto, não teria qualquer papel na reestruturação. O que estaria atuando seria um princípio fonológico, o qual Ghini denomina de “Princípio de Simetria”. Portanto, as assimetrias seriam controladas pelo componente fonológico da língua.

As frases elaboradas para este estudo seguem a regra de reestruturação de Nespor e Vogel (1986), o que não nos impede de considerar a proposta citada como uma possibilidade de refinamento da teoria, uma vez que elimina o componente sintático da formulação da regra, no que diz respeito à ramificação.

2.2.3 Uma discussão sobre o grupo clítico

Enquanto a maioria dos constituintes prosódicos é admitida pelos fonólogos em geral, a existência do grupo clítico não é consensual.

Como vimos, a Fonologia Prosódica está relacionada a regras puramente fonológicas, isto é, que não se referem a morfemas, palavras ou frases sintáticas, mas sim se aplicam em domínios prosódicos. Estes domínios vão da sílaba ao enunciado, sem isomorfia com os outros componentes da gramática. A escala prosódica tem diferentes versões. Destacamos aqui a de Selkirk (1978), que admite cinco domínios prosódicos, a saber, sílaba, pé, palavra fonológica, frase fonológica e frase entonacional, e a de Nespor e Vogel (1986), que, como vimos, admite sete domínios, sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado. O que garante a hierarquia é o princípio básico da teoria de Selkirk (1984), denominado *Strict Layer Hypothesis*, SLH, que determina que um constituinte seja composto de uma ou mais unidades do constituinte imediatamente inferior e que este, por sua vez, esteja exaustivamente contido nos constituintes imediatamente superiores dos quais faz parte.

Porém, Peperkamp (1997:10) argumenta que, não sendo recursiva, a estrutura prosódica é mais plana que a estrutura sintática. Portanto, SLH não pode se manter de forma forte, ou melhor, um certo grau de recursividade e “pulo” de níveis são necessários em algumas circunstâncias. Na Teoria da Otimidade este Princípio é tratado como uma restrição.

Nespor (1999), por sua vez, argumenta que o relaxamento da SLH enfraquece a teoria e propõe um modelo no qual, diferentemente do tradicional (Selkirk, 1978 e 1981 e Nespor & Vogel, 1982 e 1986), as categorias prosódicas até o nível da palavra já estão presentes no léxico (Booij 1988 e Booij e Lieber, 1991) e as categorias prosódicas acima da palavra são construídas antes da instanciação fonológica da palavra (inserção lexical). Neste caso, as regras de reestruturação prosódica estão separadas das regras de construção da estrutura prosódica e a instanciação fonológica e seu *output*, estrutura profunda fonológica, intervêm entre as duas.

No que diz respeito especificamente ao grupo (C), a proposta de Nespor (1999) é que existem três tipos de clíticos, os sintáticos e os fonológicos e os que combinam as características dos dois. Os clíticos sintáticos são os que formam um constituinte único com seu hospedeiro na estrutura sintática, mas não na fonológica. Os clíticos fonológicos, por sua vez, não levam acento primário, e, se forem silábicos, são fonologicamente anexados ao hospedeiro com o qual formam C. Caso contrário, eles se incorporam à árvore prosódica em seu nível mais inferior.

Peperkamp (1997:168), por outro lado, entende que o clítico não deve fazer parte da hierarquia prosódica. Clíticos não formam palavras prosódicas independentes e, portanto, não estão sujeitos à minimalidade prosódica, dado que palavras prosódicas deveriam conter no mínimo duas sílabas ou duas moras, dependendo se a língua tem pés moraicos ou silábicos (McCarthy & Prince 1986). Portanto, os clíticos são incorporados no nível da palavra prosódica ou no nível da frase fonológica.

Os estudos do italiano realizados por Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b, 2007c), que cotejam esta pesquisa, dizem respeito ao sândi na sequência de palavras funcionais e lexicais e, portanto, discutem o domínio de C na aplicação do sândi vocálico.

Neste estudo não entraremos na questão do grupo clítico constituir ou não um nível da escala prosódica, sendo um tema em discussão. Entendêmo-lo como um constituinte prosódico independente de fazer parte da palavra prosódica ou da frase fonológica ou ser um nível hierárquico em separado, como defende Nespor e Vogel (1986). Para nossos objetivos é suficiente reconhecê-lo como constituinte para os casos em que for mencionado. Portanto,

para o presente trabalho, a análise do fenômeno de sândi será realizada a partir do constituinte denominado frase fonológica.

2.3 Teoria da Otimidade

2.3.1 Introdução

A Teoria da Otimidade, desenvolvida por Alan Prince e Paul Smolensky e McCarthy e Prince nos anos 90 é uma teoria de base gerativa que tem por objetivo estabelecer os princípios universais que regem as gramáticas das línguas. De acordo com Archangeli (1997), a linguística busca por padrões, variação, universais e marcação. Para as teorias anteriores à OT, interessavam os processos aplicados à estrutura subjacente que resultavam na forma de superfície. Já para a Teoria da Otimidade não interessam os processos, mas sim os resultados, ou seja, a relação entre *output* e *input*, ou melhor, de que forma se dá o mapeamento entre *input* (forma subjacente) e o *output* (forma de superfície). O OT tem por objetivo central lançar luz sobre os princípios gramaticais básicos comuns a todas as línguas (Kager, 1999, pg. 1). Com base nestes princípios, as gramáticas de línguas particulares delineiam suas opções básicas, as quais, muitos pesquisadores identificam como Gramática Universal. Nas teorias anteriores, estes princípios eram considerados invioláveis, já na Teoria da Otimidade estes princípios são entendidos como restrições universais, que podem sofrer violações. O percurso da teoria gerativa até a OT foi o seguinte: regras para condições de boa-formação, dessas para princípios e parâmetros até as restrições violáveis da OT.

A arquitetura do modelo prevê quatro componentes: léxico, gen (generator), con (constraints set) e eval (evaluator). O pressuposto básico da teoria é que a partir de um dado *input* são gerados possíveis candidatos a *output*, os quais serão avaliados por uma hierarquia de restrições. A ideia de marcação, presente na literatura desde o estruturalismo, entendida como um indicativo de maior complexidade, é expressa na OT através de restrições universais sobre o *output*, que por vezes serão responsáveis pela escolha do *output* mais harmônico entre todos os possíveis candidatos.

A diferença entre a OT e teorias gerativas anteriores é que aquela não acessa níveis intermediários, sendo orientada diretamente para o *output*. Na OT todas as formas possíveis

de *output* são comparadas para um determinado *input*. Como destaca McCarthy (2008:15), a OT é a teoria de como as restrições interagem entre si. Além disso, restrições são universais, ou seja, as restrições estão presentes nas gramáticas das línguas e o seu ranqueamento é a única diferença entre as línguas do mundo. As restrições podem referir-se somente ao *output*, a correspondência entre *input* e *output* ou ainda *output-to-output*.

A comparação entre os candidatos é feita em um *tableau*. Na primeira linha é estabelecido o *input*, seguido das restrições, que ocuparão as colunas subseqüentes, de acordo com sua ordem de importância, ou seja, restrições mais importantes ocupam um lugar mais alto na hierarquia. As restrições são exigências estruturais que podem ou não ser violadas e o candidato ótimo será o que apresentar menos marcas de violação das restrições mais importantes. Vejamos o tableau abaixo:

(8) C1, C2 >> C3

/input/	C1	C2	C3
☞ a) cand 1			*
b) cand 2		*!	
c) cand 3	*!		

Na primeira linha à esquerda, temos o *input*; nas demais linhas, os candidatos gerados por gen (um por linha); nas colunas, estão representadas as restrições (C1, C2 e C3), ordenadas de acordo com sua posição no ranking; a linha tracejada indica que não há dominância entre as restrições C1 e C2; a linha contínua, por sua vez, indica que C3 é dominado pelas duas restrições anteriores; o asterisco indica que a restrição foi violada; já o ponto de exclamação indica que a violação foi fatal, isto é, o candidato é excluído da competição, por fim, uma célula vazia indica que não há violação da restrição.

Uma restrição é uma condição estrutural, a qual pode ser violada ou satisfeita pela forma de *output*. Existem três tipos de restrições: de fidelidade, de marcação e de alinhamento.

McCarthy (2008: 24) define que as restrições sobre o *output* são chamadas restrições de marcação, as quais militam contra estruturas marcadas. Já as restrições de fidelidade proibem diferenças entre *input* e *output*, ou seja, mantêm as propriedades lexicais da forma subjacente.

(9) Fidelidade

DepIO: Proibida a inserção

MaxIO: Proibido o apagamento

(10) Marcação

Onset: Sílabas devem ter onset

(11) DepIO >> Max >> Onset

	Dep	Max	Onset
a) am.bi.lu.o			**
b) ?am.bi.lu.?o	**!		
c) bi.lu		***!	
d) am.bil.u.o			***!

Considerando-se que a perfeição é uma falácia, o candidato ótimo é o que viola minimamente as restrições. O candidato (a) foi escolhido porque, às expensas de ferir Onset duas vezes, satisfaz a restrição mais alta. O que vemos são restrições em conflito, ou seja, para que Onset seja satisfeito faz-se necessário que Dep seja violado.

De acordo com McCarthy (2008), o principal diferencial da OT é o seu caráter comparativo.

Existem ainda as chamadas restrições de alinhamento (McCarthy & Prince, 1993), para as quais daremos um destaque maior, em razão de sua importância para nossa análise.

2.3.2 Alinhamento Generalizado

Considerando que a borda de constituintes entre morfologia e fonologia é lugar comum em estudos lingüísticos e ocupa um espaço significativo em derivações, como se depreende da teoria denominada Fonologia Lexical, McCarthy & Prince (1993, 2004) incluem na Teoria da Otimidade um parâmetro particular denominado Alinhamento Generalizado (GA). Este modelo diz respeito a estudos que fazem referência à coincidência de bordas entre constituintes de diferentes classes, como morfologia/fonologia, fonologia/prosódia, ou especificamente raiz/afixo, sílaba/pé métrico, etc. A GA oferece por meio de restrições um recurso para expressar qualquer combinação de bordas da gramática.

Assim sendo, o GA tem por objetivo suplantiar as regras de escansão de sílabas e atribuições de acento, estabelecidas como regras e princípios invioláveis na Fonologia Métrica. Na realidade as restrições invioláveis de boa-formação da Fonologia Métrica, passam

a ser restrições violáveis na OT. Nesta proposta, os alinhamentos das bordas de categorias prosódicas, tais como sílabas, pés, palavras prosódicas, etc. serão restrições ranqueadas responsáveis pela escolha dos candidatos. Aqueles que violarem minimamente estas restrições serão considerados candidatos ótimos.

Basicamente a proposta dessa teoria é que as bordas dos constituintes prosódicos, os quais normalmente figuram em processos morfológicos e fonológicos, sejam submetidos a uma família de restrições de boa formação, denominada Alinhamento Generalizado, quando se trata da interface de diferentes áreas linguísticas. Vejamos abaixo a formalização, de acordo com a proposta de McCarty e Prince (1993:2).

(12) Alinhamento Generalizado

Alinhe (Cat 1, Borda 1, Cat 2, Borda 2) =_{def}

\forall Cat1 \exists Cat2 tal que Borda 1 de Cat1 e Borda2 de Cat2 coincidam.

Onde

Cat1, Cat2 \in PCat \cup GCat

Borda 1, Borda2 \in (Direita, Esquerda)

PCat e GCat consistem, respectivamente, no conjunto de categorias prosódicas e gramaticais (morfológicas ou sintáticas) fornecidas pela teoria linguística. Desta forma, a GA estabelece que uma determinada borda de um tipo de constituinte prosódico ou morfológico Cat1 coincida com uma determinada borda de algum outro constituinte prosódico ou morfológico Cat2.

Abaixo podemos ver um exemplo de restrição que define o alinhamento da palavra prosódica (PrWd) em Garawa, conforme McCarthy e Prince (2004:170).

(13) Align-PrWd (Garawa)

Align (PrWd, L, Ft, L)

A borda esquerda de cada PrWd deve estar alinhada com a borda esquerda de algum pé (Ft).

A aplicação da restrição é a seguinte:

		Alinhe	
(14)	☞	[[$\sigma\sigma$] σ]	✓
		[σ ($\sigma\sigma$)]	*

Em nosso estudo, uma restrição de alinhamento exige coincidência entre a borda esquerda do pé métrico e a borda direita de uma sílaba com acento, como veremos adiante.

2.3.3 A Restrição Conjunta

A teoria da Fonologia Lexical limita a aplicação cíclica de regras a ambientes derivados, criados pela aplicação de uma regra fonológica, ou pela concatenação de morfemas. Esta restrição a ambientes derivados é imposta pelo SCC (Strict Cycle Condition) (Chomsky 1965, Kean 1974, Mascaró 1976, Kiparsky 1982, Rubach 1984). A OT, por não contar com regras cíclicas, ao tratar com derivativos, depara com um problema de opacidade, que, de acordo com Collischonn (2010:167), se caracteriza por uma situação em que uma generalização não parece ser válida na representação de superfície.

Lubowicz (2002) propõe, seguindo Prince e Smolensky (1993), que a OT possa ser estendida para acomodar os efeitos do SCC através da conjunção de regras. Para dar conta da derivação sujeita ao ciclo estrito, Lubowicz propõe a Restrição Conjunta (RC), que define por ser composta por uma restrição de fidelidade e por uma de marcação. A restrição conjunta é violada somente se ambas as partes mencionadas forem também violadas dentro de um mesmo domínio.

De acordo com Lubowicz (2002:20,21), a tipologia de uma língua é inerente à Teoria da Otimidade. A questão central é que a RC domina seus componentes em todas as gramáticas (Smolensky, 1995 et seq.), além disso, pode dar conta dos comportamentos atestados em ambientes derivados, em uma aplicação normal e no bloqueio em todos os ambientes.

Em nossa análise fazemos uso de uma RC pois temos duas restrições agindo em conjunto. A restrição MaxIO milita contra o apagamento de segmentos, porém é normalmente ferida, pois é dominada por Onset, que milita contra o hiato vocálico. Por sua vez, a restrição Align-L exige que o pé principal da frase fonológica não sofra qualquer desalinhamento. Portanto, o apagamento da vogal que porta o acento da frase, provoca o desalinhamento e conseqüentemente a RC é ferida, saindo vencedor o candidato com hiato.

(15) MaxIO & Align-L .>> Onset >> MaxIO >> Align-L

Align-L e MaxIO atuam juntas em um determinado domínio local, que é o sândi. É dentro deste domínio que a RC atua. É necessário que a RC seja avaliada localmente, caso contrário, o resultado seria a escolha de candidatos não atestados.

De acordo com Lubowicz (2002:10) uma restrição do tipo Restrição Conjunta (RC) é usada para ativar restrições que são totalmente ou parcialmente inativas na gramática. A ideia geral da RC é que uma restrição de marcação baixa no ranqueamento é ativada, resultando em uma alternância fonológica, somente quando uma restrição de fidelidade é violada dentro do mesmo segmento.

Em nossa análise veremos com detalhes a aplicação da RC proposta.

2.3.4 A emergência do não marcado

De acordo com McCarthy e Prince (1994, 2004), a distinção entre estruturas marcadas e não marcadas tem exercido um papel no desenvolvimento da fonologia e da linguística de modo geral. Em OT, formas são marcadas com respeito a alguma restrição. Caso esta restrição seja alta no ranqueamento de uma determinada língua, então a forma não é escolhida no *output*. Entretanto, se a restrição estiver em uma posição baixa no ranqueamento, a forma pode ser escolhida mesmo marcada. Vale lembrar que mesmo uma restrição totalmente dominada não é banida, muito pelo contrário, está presente na gramática, e, muitas vezes, tem um papel decisivo na escolha da forma ótima. Sendo assim, uma restrição na língua como um todo, pode ser violada, porém, em um domínio particular, a estrutura não marcada com respeito a esta restrição específica, emerge, e a estrutura marcada com relação a esta restrição é suprimida.

De acordo com McCarthy e Prince (1994:334), supondo que C é altamente ranqueada e domina certas restrições que requeiram fidelidade de escansão dos elementos relevantes a C. Assim sendo nenhuma estrutura que viole C pode aparecer no *output*. A escansão será infiel para preservar C. No entanto, se em alguma outra gramática C é dominada por outras restrições, violações de C serão encontradas em formas do *output*. Certas línguas terão apenas estruturas não marcadas para C e outras terão estruturas marcadas e não marcadas para C. A estrutura não marcada que emerge em obediência a C só é garantida como não marcada com respeito a C e pode ser marcada em relação a outras restrições. As restrições

fornecidas pela Gramática Universal caracterizam muitas dimensões de marcação e não marcação, e, o conflito entre elas é inevitável.

Bisol e Alcântara (2010:148) esclarecem que a marcação na OT é vista também como o próprio mecanismo de análise, que ao avaliar candidatos, em uma situação particular, pode fazer emergir o não marcado como resultado da análise. Da inter-relação entre restrições em termos de Fidelidade >> Marcação >> Fidelidade é que o não marcado pode emergir.

Em suma, neste capítulo destacamos as ideias básicas das duas teorias que constituem nossa análise. Em primeiro lugar apresentamos a Teoria Prosódica, bem como uma nova proposta para a frase fonológica e uma discussão a respeito do grupo clítico. As análises que apresentamos de outros autores para o sândi valem-se destas propostas. Em nossa análise, no entanto, seguiremos Nespor e Vogel (1986) no que se refere à reestruturação da frase fonológica. Em seguida, apresentamos a arquitetura básica da Teoria da Otimidade e algumas propostas de análise, que utilizaremos em nosso estudo. Destacamos o Alinhamento Generalizado, o qual fornece as restrições que dizem respeito à interação da fonologia, morfologia e prosódia, bem como o modelo da Restrição Conjunta, que estabelece a relação entre restrições de fidelidade e alinhamento. Tais fundamentos servirão de base para a formulação da hierarquia de restrições que regulam a aplicação do sândi vocálico no italiano.

3 ESTADO DA ARTE

3.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos os principais estudos sobre o sândi externo no italiano, destacando as pesquisas realizadas no português brasileiro, por Bisol (1996a, 1996b, 2003) e Tenani (2002), em italiano por Nespor e Vogel (1986), Nespor (1987), Krämer (2009), Meinschaefer (2005) e Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b, 2007c), em catalão por Wheeler (2005), Bonet e Lloret (1998) e Cabré e Prieto (2005) e no chicano por Bakovic (2007).

3.2 Italiano

A elisão vocálica entre palavras funcionais e lexicais é um fenômeno bastante produtivo em italiano. Nespor (1987:70) argumenta que a degeminação neste contexto é aplicada livremente.

- (1) ‘la adóro’ ‘(Eu) a adoro.’
 ‘lo offrívano’ ‘(Eles) estão oferecendo isto.’
 ‘li interrogheró’ ‘(Eu) os interrogarei.’
 (Nespor, 1987:72)

No entanto, em determinados contextos, o sândi não se aplica. Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b) analisa o sândi externo no contexto de palavras funcionais seguidas de lexicais, com o objetivo de estabelecer o sistema subjacente que governa a elisão vocálica em italiano. Ao examinar a aplicação da elisão em dois dialetos italianos, florentino e o da região do Lecco conclui que o fenômeno não é aleatório, mas sim condicionado morfológicamente através da interação entre restrições morfológicas e fonológicas. Este estudo foi realizado com um corpus com dados do florentino, e uma coleta com um informante com dados do italiano falado na região do Lecco.

Tradicionalmente as palavras funcionais seriam invisíveis para as restrições que governam a interface entre morfossintaxe e estrutura prosódica (Selkirk, 1984 e 1995). Seguindo Selkirk (1995) e Peperkamp (1997) e contrariamente a Monachesi (1996), Garrapa (2007) advoga que palavras funcionais monossilábicas são sílabas soltas que se associam a sua palavra hospedeira no nível da frase fonológica. Já palavras funcionais polissilábicas são sequências de pés moraicos mais um pé, que se associa à frase fonológica.

- (2) (si (arriva) ppw)pph - ‘chega-se’
 ((nel) Σ lo (armadio) ppw)pph - ‘no armário’

Desta forma a ressilabificação após a elisão vocálica (VE) cria um desalinhamento entre os constituintes morfológicos (|) e prosódicos (·).

- (3) /si.ar.ri.va - s|ar.ri.va
 /nel.lo.ar.ma.dio/ - nel.l|ar.ma.dio

Garrapa (2007) assume que [masculino], [singular], [acusativo] são os traços *default* e consequentemente subespecificados. Todos os outros traços são especificados e, portanto, marcados.

Há uma variação na aplicação do fenômeno para os casos de /i/ e /e/ subespecificados para gênero, número e caso e para /i/ especificado como dativo. Nestes casos, o dialeto do Lecco é mais conservador e procura manter o hiato vocálico. Para os casos que envolvem especificação de gênero singular, não há variação e a elisão é praticamente categórica. Porém, os dados indicam que, quando os morfemas /i/ e /e/ plural estão envolvidos, a aplicação é praticamente nula. Garrapa (2007) propõe dois ranqueamentos para explicar a variação. As restrições envolvidas na análise são *MaxWI*, *Metrical Structure*, *Onset* e *Morphological Exponence*. Na variação, *Onset* e *Morphological Exponence* são ranqueadas de acordo o comportamento do dialeto.

Em termos gerais a aplicação é 0% para o dialeto do Lecco e com algumas aplicações para o florentino. A autora propõe uma restrição de exponência morfológica, afirmando que a aplicação é permitida com baixa frequência no caso de apenas uma marca morfológica (masculino – plural) e praticamente nula ou muito raramente com duas marcas (feminino–plural). As aplicações neste caso são tratadas como superaplicação, ou seja, a

aplicação do fenômeno em um contexto não esperado. Além disso, cabe ressaltar que a autora não faz qualquer referência ao acento de V2.

No estudo específico sobre o dialeto florentino (Garrapa, 2006) investiga o sândi apenas no dialeto florentino, argumentando que a aplicação é condicionada morfológicamente, dependendo da capacidade de recuperação desta informação no contexto, do tipo de palavra funcional e da frequência de ocorrência.

Nos casos dos pronomes objeto direto e indireto (sem marcas de plural) *mi*, *ti*, *ci* e *vi*, a elisão ocorre nas seguintes proporções para os pronomes *mi* e *ti*: 48% nos casos de palavras funcionais seguidas de lexicais e 72% nos casos de palavras funcionais seguidas de funcionais seguidas de lexicais; e para os pronomes *ci* e *vi*: 16% nos casos de palavras funcionais seguidas de lexicais e 36% nos casos de palavras funcionais seguidas de funcionais seguidas de lexicais. Isso parece corresponder a nossa hipótese que o morfema plural é o que mais restringe a aplicação da elisão, uma vez que a aplicação nestes casos é praticamente nula.

Por fim a autora propõe que os determinantes singulares e os artigos preposicionados são armazenados no léxico mental com formas completas e formas elididas (alomorfe), já os determinantes plurais e pronomes são armazenados apenas como a forma completa, propondo que a aplicação categórica é lexical e a não categórica, pós-lexical, na interface da fonologia/morfologia.

No artigo *Vowel Elision in two varieties of spoken Italian in constraint by morphology* Garrapa (2007a) salienta que o sândi é morfológico e fonologicamente restrito. No entanto, a elisão (VE) pode ocorrer no florentino com os artigos e pronomes, sem marca de plural, *lo*, *la*, *glielo* e *gliela*, mesmo que a informação morfológica não possa ser recuperada pelo contexto. Por outro lado, no dialeto do Lecco, caso não seja possível recuperar a informação morfológica, a VE não ocorre. P. ex. *la odio*, *lo ódio* – ‘a odeio, o odeio’. Portanto o dialeto do Lecco prefere manter o hiato, enquanto o florentino privilegia o sândi, mas em condições excepcionais. Quanto aos casos de superaplicação ou subaplicação, são considerados excepcionais. Nos contextos envolvendo morfemas de plural, a VE mostrou-se impossível no caso do feminino plural. Além da morfologia e da fonologia, a VE também é afetada pela prosódia, pelo tipo de contexto (recuperável) e pelo tipo de item lexical que segue a vogal elidida. Do mesmo modo, em nossos dados observamos que nos contextos de verbos + nome, nos casos das vogais /e/ e /i/ a degeminação ocorreu, comprovando que a informação morfológica era recuperada pelos outros elementos do verbo.

Em seu estudo os dados analisados mostram que além da morfologia, fatores ligados à frequência de uso e à *performance* (registro, velocidade de elocução etc) também

condicionam a VE. A pesquisa também mostra como a elisão nos determinantes é diferente daquela nos pronomes. Nos determinantes é obrigatória (Hayes, 1990), sensível à morfologia e insensível à velocidade da fala e à prosódia. Nos pronomes, é opcional e pode ser mais ou menos produtiva, com base na frequência de uso destes pronomes apresentando-se como um fenômeno pós-lexical condicionado parcialmente pela prosódia e pela morfologia que tende a ser sensível à velocidade da fala.

A análise auditiva evidenciou que quando não ocorre elisão, na maior parte dos casos ocorre a ditongação e menos frequentemente são realizadas como vogais dando origem a um hiato.

Garrapa (2007b) analisa os dados já referidos à luz da Teoria da Otimidade Estocástica (cf. Boersma & Hayes, 2001), a qual, de forma diversa da versão *standard*, permite verificar a aplicação de fenômenos opcionais, assinalando valores numéricos de “partida” aos candidatos. Os valores numéricos assinalados aos vínculos unitários geram uma hierarquia na qual os vínculos que fazem referência à interface morfologia-fonologia (*Realize-Morpheme* e *Max-Feature*) dominam àqueles puramente fonológicos (*Onset*, **Lapse* e *Alignment*) ou lexicais (*Frequency*). A conclusão do estudo é que a VE é praticamente categórica para os determinantes e preposições flexionadas no singular, rara para os determinantes e preposições flexionadas, tanto com a V2 acentuada ou não, e, praticamente não ocorre para os pronomes com a função de objeto direto se V2 porta acento principal. Em nossos dados, a ditongação foi praticamente categórica no contexto envolvendo o morfema plural masculino /i/ e seguido de V2 acentuada.

Garrapa (2007b: p.73) apenas salienta que a restrição rítmica deve-se ao acento primário da V2, no entanto, não há qualquer menção do acento frasal. Além disso, salienta que a aplicação da VE nos casos de V1 e V2 serem desacentuadas, atende o Princípio da Alternância Rítmica.

De qualquer forma, os contextos que envolvem palavras funcionais seguidas de palavras lexicais diferem do contexto do nosso estudo, pois se comportam de maneira diferente de palavras lexicais seguidas de lexicais, na árvore prosódica.

3.2.1 Outros estudos no italiano

Nespor (1990) e Meinschaefer (2005) analisam o *Troncamento*, apagamento das vogais finais /e/ e /o/ após uma consoante /r/, /l/, /n/, /m/ antes de outra vogal ou consoante.

O estudo de Nespor (1990), conduzido dentro da Teoria Prosódica, considera a regra obrigatória dentro do grupo clítico, e opcional dentro da frase entoacional. Nespor (1999) define o *troncamento* como uma regra híbrida, pois apresenta características de regra prosódica e lexical. Além disso, é distinta de outras regras por não se aplicar igualmente em todas as categorias lexicais, sendo mais produtiva somente com a classe dos verbos.

Meinschaefer (2005:3) restringe seu estudo ao apagamento de /e/, *di andar via – di andare via – ‘ir embora’*. O *troncamento* diferencia-se portanto da apócope – *un poco di pane – un po’ di pane – ‘um pouco de pão’* e da elisão – *avete interroto – *avet interroto – ‘interromperam’*. No entanto, tem sua aplicação bloqueada por alguns fatores, entre as quais traços morfossintáticos, como por exemplo as marcas de plural.

- (4) La migliore ragione - la miglior ragione - a melhor razão (fem sing)
 Le buone ragioni - *le buon ragioni - as boas razões (fem pl)
 (Meinschaefer, 2005:23)

Meinschaefer (2005) define a frase fonológica como domínio de aplicação da regra, argumentando que sua reestruturação, nos termos propostos por Ghini (1993), tem papel na ocorrência.

- (5) Il suo modo [di parlare]φ [fa ridere]φ. - sem reestruturação
 Il suo modo [di parlare piano]φ [fa ridere]φ. - com reestruturação

Meinschaefer (2005:13-15) salienta que o *troncamento* pode ocorrer com outros elementos entre as duas palavras do contexto: *volere mai ascoltare – voler **mai** ascoltare – ‘não querer nunca ouvir’*. O que mostra a distinção entre o *troncamento* e a degeminação.

Krämer (2009:234,235) destaca que o italiano apresenta vários processos de apagamento vocálico sensíveis a fatores segmentais, prosódicos e sintáticos. Para Krämer

(2009:248), alguns são obrigatórios, outros são opcionais ou ocorrem devido à velocidade da fala, no entanto, em nota salienta que, apesar disso, os fenômenos são fonológicos.

De acordo com Krämer, tradicionalmente, há uma divisão entre *elisão* e *troncamento*. A *elisão* seria a queda da vogal final diante de uma vogal em início de palavra, enquanto o *troncamento* seria a queda de vogal final ou mesmo uma sílaba final, diante de palavra iniciada tanto por consoante quanto por vogal, como vimos.

Segundo Krämer (2009: 236- 238) o apagamento da vogal final de quantificadores e adjetivos estaria restrito a alguns casos e que formas marcadas, que carregam mais informação morfossintática, como o caso do plural em italiano, estariam menos sujeitas aos processos de apagamento. Isto interessa especificamente a parte de nosso estudo que envolve os morfemas plurais do italiano.

(6) Apagamento nos artigos, apenas nos casos de /a/ e /o/.

<i>la oliva – l’oliva</i> (fem sing)	<i>le olive - *l’olive</i> (fem pl)	‘a azeitona’
<i>lo imbranato– l’imbranato</i> (masc sing)	<i>gli imbranati - *gl’imbranati</i> (masc pl)	‘o desastrado’

(7) Apagamento em alguns quantificadores.

<i>quant(o) orgoglio</i>	-	‘quanto orgulho’
<i>buon(0) vino</i>	-	‘bom vinho’

(8) O apagamento não ocorre quando os adjetivos precedem um nome ou outro adjetivo.

<i>cattiva indagine</i>	<i>*cattiv indagine</i>	-	‘pobre investigação’
<i>cinque incidenti</i>	<i>*cinqu incidenti</i>	-	‘cinco acidentes’
<i>nove esempi</i>	<i>*nov esempi</i>	-	‘nove exemplos’

Em vista disso, excluímos, em nosso estudo, casos de apagamento vocálico dos tipos (6) e (7).

No que se refere especificamente à degeminação, Krämer (200:241) salienta que em sua pesquisa, o papel do acento não se mostrou bloqueador ao processo. O autor cita apenas um exemplo de Nespor (1990:383) –*éranórridi - *éranórridi* – ‘eram horríveis’, como aceitáveis para seus informantes. Isto contraria nossos achados em português e em italiano, assim como no catalão, como veremos adiante.

Para os casos de degeminação que envolvem os morfemas de plural, Kramer (2009) argumenta que a OT nos apresenta uma alternativa, assumindo que traços morfofonológicos

sejam indexados como restrições de MaxIO. O que em nossa pesquisa foi referido por MaxMorphPl.

Marotta (1995, p. 310) em seu estudo sobre a apócope, salienta que os nomes não admitem a perda da vogal final /i/ quando morfema plural. Além disso, tanto a apócope como a elisão são bloqueadas quando o elemento sujeito ao cancelamento vocálico é cabeça do sintagma. No entanto quando este assume o papel de especificador (no caso de adjetivos), a apócope e a elisão podem ocorrer condicionadas a restrições rítmicas (1995: 301).

Gabriela Finizio (1983:361,362), por sua vez, faz uma revisão da bibliografia e de ocorrências de elisão no jornal *La Stampa* e na revista mensal *Panorama Mensile*. Como se trata de uma pesquisa sobre a língua escrita, os dados aqui apresentados são apenas ilustrativos. A autora conclui que o artigo *gli* (masculino plural) não sofre elisão nem com a vogal /i/, p. exemplo *gli indici*, *gli istinti* - ‘os índices’, ‘os instintos’, do mesmo modo ocorre com o artigo *le* (plural feminino) *le erbe*, *le immagini* - ‘as ervas’, ‘as imagens’. Os exemplos apresentados são sempre artigos singulares, *sull’aereo*, *all’estero*, *nell’olimpo* - ‘no avião’, ‘no exterior’, ‘no olimpo’.

3.3 O sândi em catalão e no chicano

O sândi é objeto de estudo em várias línguas. Destacamos aqui as análises de Bonet e Lloret (1998) na perspectiva da Teoria Lexical e Wheeler (2005) e Cabré e Prieto (2005) na perspectiva da OT, para o catalão. Por fim, apresentamos a perspectiva de análise de Bakovic (2007) para o chicano, variedade do espanhol falada no sul do Texas.

Em catalão, assim como em muitas outras línguas, hiatos vocálicos não são bem aceitos, o que motiva processos que os resolvam. Da mesma forma que no italiano e em português, três são as possibilidades de resolução. No caso de duas vogais idênticas ocorre a degeminação; quando as duas vogais envolvidas são distintas, há duas possibilidades, a elisão e a ditongação. No entanto, estes processos nem sempre ocorrem livremente. Assim como em português, no caso das duas vogais serem acentuadas, o processo é bloqueado, mantendo o hiato. Bonet e Lloret (1998) afirmam que, em catalão, na sequência de vogais átonas idênticas, o resultado é a elisão e na sequência de vogais altas diferentes átonas, o resultado é um ditongo. No entanto se a V2 é acentuada, não há elisão. No caso de contextos que envolvam clíticos a elisão é mais recorrente. Cabré e Prieto (2005) argumentam que o

responsável pelo bloqueio aos processos de sândi no catalão é o acento frasal. Já Wheeler (2005) atribui o bloqueio a razões rítmicas, propondo, entre outras, restrições do tipo *Clash e *Lapse, nos termos propostos por Elenbass (1999) e Kager & Elenbass (2003:185). Os dados de Cabré & Prieto (2005:134) contradizem os de Wheeler (2005:126).

- | | | | |
|-----------------------|-------|-----------------|----------------------------|
| (9) <i>menú idoni</i> | [u.i] | ‘menú adequado’ | (Wheeler, 2005:125) |
| <i>xampú idoni</i> | [uj] | ‘shampoo ideal’ | (Cabré e Prieto, 2005:134) |

Os exemplos mostram o bloqueio de degeminação tanto em contextos de clash como no Clash. As sílabas tônicas estão em negrito.

- | | | | |
|--------------------------|-------|-------------------|---------------------------|
| (10) <i>Tesi híbrida</i> | [i`i] | ‘tesi híbrida’ | distância de uma sílaba |
| <i>Anàlise híbrida</i> | [i`i] | ‘análise híbrida’ | distância de duas sílabas |
- (Cabré e Prieto, 2005:132.133)

Na análise de Cabré e Prieto (2005:140) restrições de alinhamento e marcação interagem na escolha do candidato ótimo nestes contextos. Em catalão a borda esquerda das palavras precisa coincidir com a borda esquerda de uma sílaba somente quando V2 carrega o acento frasal. As autoras propõem a seguinte restrição de alinhamento, referindo-se a Bisol (2003).

- (11) Align (NucF, L, prWd, L) – A margem esquerda do principal pé da frase fonológica deve coincidir com a margem esquerda de uma palavra fonológica.

A interação desta restrição com Onset garante a resolução de todos os casos de sândi no catalão. Para os casos especiais, que envolvem o *schwa*, Cabré e Prieto (2005: 143) chamam uma restrição de marcação (Nuclear Harmony Constraint), a qual garante que o núcleo será preenchido por vogais mais sonoras.

Outros estudos abordam a questão de maneira diferente. Bakovic (2007) atribui a resolução de hiatos vocálicos em chicano, variedade do espanhol falada no sul do Texas, à restrição *No-Long*, que proíbe segmentos adjacentes idênticos. As restrições centrais da análise são *No-Long* e *Onset*. Além disso, Bakovic argumenta que o acento não é bloqueador para os processos de resolução de hiatos. Os exemplos apresentados na análise, nos casos de coalescência (degeminação), são de palavras funcionais seguidas de lexicais (átonas). Nos

casos de apagamento (elisão), são palavras lexicais seguidas de lexicais, com ambas as vogais átonas, mas nos casos de ditongação, os exemplos são de palavras funcionais seguidas de lexicais, com a V2 tônica, como p. ex. ‘mi ultima’ – [mjultima], em que está implícita a relação com o acento principal.

3.4 Morfologia do italiano – gênero e número

De modo geral, podemos resumir a formação do plural em italiano conforme o quadro abaixo, onde –il e –la são artigos masculino e feminino singular e –i e –le são artigos masculino e feminino plural. Dentro deste esquema geral, existem casos particulares, que não dizem respeito a esta análise.

	Singular	Plural
Nomes masculinos terminados em /a/:	- a – il problema	- i problem i
Nomes masculinos e femininos terminados em /o/ e /e/:	- o - il bambin o - la man o - e - il pad re - la legg e	- i bambin i - le man i - i pad ri - le legg i
Nomes femininos terminados em /a/:	- a – la anima – l’anima	- e – le anim e

Quadro I – Esquema de formação do plural em italiano adaptado de Dardano, M., Trifone, P. *Grammatica Italiana*, 1995. P. 180.

De acordo com D’Hulst (2006) a formação do plural do italiano é um debate antigo. Alguns autores argumentam que o plural deriva da forma nominativa do latim vulgar *caballi*, outros, no entanto, atribuem a formação do plural nesta língua à forma acusativa *caballus*. Seguindo Maiden (1996), D’Hulst argumenta em favor da hipótese fonológica representada pela forma acusativa, defendendo que as alternâncias devem-se ao espriamento de traços.

Nos casos das palavras terminadas em [a], [o] e [e], que têm como plural a vogal final [i], o traço coronal afeta além do ponto de articulação, o traço de altura das vogais.

Para explicar o plural das palavras femininas terminadas em [a], D’Hulst define o traço /baixo/ como feminino. De acordo com D’Hulst (2006:1322), o fato de que somente o feminino tenha um traço formal sugere que o masculino não tenha marca de gênero (Harris, 1991).

Para Câmara Jr. (1971:59) considera /a/ o morfema feminino e as demais vogais têm apenas o papel de vogal temática. O autor divide os nominais do português em duas classes, como ‘bela’, ‘bolo’ e ‘verde’ e atemáticos como ‘pastor’, ‘lápiz’ e ‘mar’. Segundo Câmara Jr., “A uma forma singular ou masculina, sem marca própria dessa sua categoria, opõe-se, respectivamente a forma plural ou a feminina, caracterizada por um sufixo flexional específico”.

Da mesma forma é feita a análise do italiano, ou seja, para o masculino singular, não há morfema no input, já para o feminino o morfema /a/ está presente.

		masculino	feminino	
Padrão I		[o] <i>amico</i> <i>nonno</i> <i>gatto</i>	[a] <i>amica</i> <i>nonna</i> <i>gatta</i>	‘amigo/amiga’ ‘avô/avó’ ‘gato/gata’
Padrão II		[e] <i>padrone</i> <i>signore</i>	[a] <i>padrona</i> <i>signora</i>	‘patrão/patroa’ ‘senhor/senhora’
Padrão III		[e] <i>amante</i> <i>nipote</i>	[e] <i>amante</i> <i>nipote</i>	‘amante’ ‘sobrinho/sobrinha’

Quadro II - Classificação dos Nomes em Italiano - adaptado de D’Hulst, Yves. Romance Plurals. *Língua*, v. 116, no 9, 2006.

Enquanto no padrão I a vogal /o/ final sugere a marca de gênero masculino, no padrão II não existe indicativo, e no padrão III, apenas o determinante poderá indicar o gênero. Daí a conclusão de que somente /a/ marca o feminino em italiano. O mesmo se passa com os adjetivos:

- (12) masculino *amico inglese (sing.) amici inglesi (pl.)* ‘amigos ingleses’
 feminino *amica inglese (sing.) amiche inglesi (pl.)* ‘amigas inglesas’

Em nossa análise, consideramos os morfemas de plural na subjacência para o masculino /i/ e para o feminino /e/. Isto é, o plural é realizado pela flexão do morfema /e/ para as palavras femininas terminadas em /a/ e pela flexão do morfema /i/ como regra geral. O morfema plural ligado ao adjetivo, no caso de nossa análise, será imprescindível para a informação do gênero do nome.

3.5 Sistema vocálico do italiano

Conforme Nespor (1993) o sistema vocálico do italiano standard é formado por sete vogais:

(13)

i	u
e	o
ε	ɔ
a	

De acordo com Krämer (2009) em sílabas acentuadas, o italiano tem um sistema de sete vogais, como o português, três vogais são anteriores e não arredondadas, três vogais são posteriores e arredondadas e uma vogal baixa, que não é posterior nem anterior, mas fonologicamente posterior.

As vogais médias distinguem-se pelo traço [+ATR] e [-ATR]. As duas vogais altas são sempre [+ATR] e a vogal baixa [-ATR]. A distinção para as vogais médias está sujeita a uma variação regional entre o norte em oposição ao centro e o sul, porém, não há uma generalização para a variação. De qualquer modo, a neutralização ocorre em posições não acentuadas, nas quais a vogal média é sempre [+ATR], resultando em um inventário de cinco vogais, novamente como ocorre com o português.

Em posição átona final, o inventário fica reduzido a um sistema assimétrico de quatro vogais, pela abstenção da vogal alta posterior /u/, resultando no seguinte inventário.

(14)

i	
e	o
a	

A razão do não abaixamento da vogal alta posterior /i/ para /e/ reside na informação morfossintática que /i/ carrega. A distinção entre a forma do masculino plural //i/ e a do

feminino plural /e/ seria perdida caso /i/ sofresse o abaixamento para /e/, o que não ocorre no abaixamento de /u/ para /o/.

3.6 A Sílabas no Italiano

O sândi externo ocorre em fronteiras de palavras provocando um reordenamento das sílabas envolvidas no contexto. Os princípios que atuam na silabificação também atuam na ressilabificação.

Na perspectiva da Teoria Prosódica, Itô (1986) propõe que os segmentos sejam mapeados com condições de boa-formação e de acordo com o molde específico de cada língua.

A OT, no entanto, não postula uma representação para a sílaba, mas a partir da tipologia de sílaba de Jakobson (1962:526; Clements & Keyser, 1983:29), que estabelece o caráter não marcado da sílaba /CV/, Prince e Smolensky (1993:93) definem as restrições relacionadas à estrutura silábica, a saber: restrições de marcação, que se referem às características universais não marcadas das estruturas, e, restrições de fidelidade, que militam a favor da correspondência entre *input* e *output*.

(15) Restrições de marcação

- Ons – uma sílaba deve ter *onset*.
- Cod – uma sílaba não deve ter coda.

(16) Restrições de fidelidade

- Parse – segmentos subjacentes devem ser escandidos em sílabas.
- Fill – posições silábicas devem ser preenchidas com segmentos subjacentes.

McCarthy e Prince (1995), em sua proposta da Teoria da Correspondência reinterpretam a teoria *Standard* da OT de Prince e Smolensky (1993,2004) e postulam a restrição Max-IO (maximization input/output), reformulando Parse. Nesta perspectiva, o que importa é que todo o segmento do *input* tenha um correspondente no *output*.

Em nossa análise nos valem das restrições Onset, nos moldes de Prince e Smolensky (1993) e Max-IO, seguindo McCarthy e Prince (1995) para mapear a estrutura prosódica dos candidatos gerados.

O molde silábico do italiano é apresentado abaixo, conforme representação de Selkirk (1982:338), segundo a qual o mapeamento de um determinado molde silábico é

controlado por condições de boa-formação universais e restrições de língua particular. A sílaba é constituída por *onset* e *rima*, este último, subdividido em *pico* e *coda*.

Neste trabalho, tomamos como base a análise de sílaba de Nespor (1993) para o italiano.

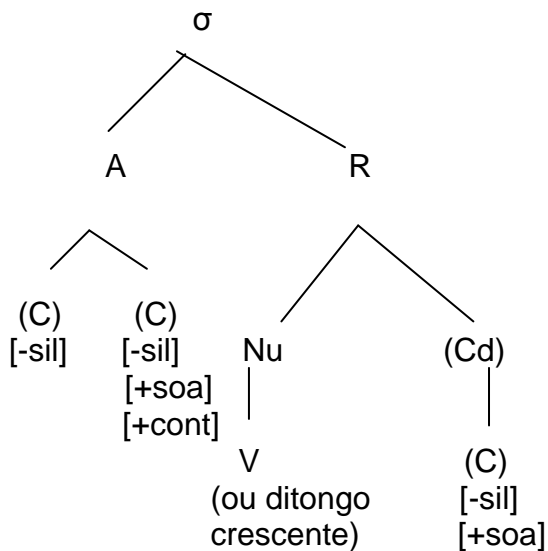


Figura 2 - Molde silábico do italiano, adaptado de Nespor (1993, p.158)

De acordo com as figuras acima, observamos que:

- qualquer consoante pode ocupar a primeira posição de ataque;
- a segunda posição de ataque pode ser preenchida por *r*, ou *l*;
- no núcleo pode haver um segmento vocálico ou um ditongo crescente;
- a posição de coda só pode ser preenchida por uma soante;
- somente o núcleo é obrigatório, os demais constituintes são opcionais, por isso estão grafados entre parênteses.

Vale observar que o italiano possa possui consoantes geminadas, em cuja estrutura, uma das partes está ligada a vogal precedente e a outra constitui o Onset da sílaba seguinte.

3.7 O Acento no Italiano

A atribuição do acento em italiano é um assunto divergente. Apresentamos neste item as principais propostas referentes ao acento nesta língua, dentre as quais, adotaremos a visão de Sluyters (1990).

Para Sluyters (1990), o acento no italiano recai com maior frequência na penúltima sílaba, com menos frequência na antepenúltima e excepcionalmente na última. Além disso, argumenta que o acento em italiano é sensível ao peso silábico.

Destacamos como um argumento favorável à fixação do parâmetro de sensibilidade à quantidade para a atribuição do acento primário no italiano, a acentuação paroxítona em alguns topônimos estrangeiros italianizados, nos quais o acento na língua fonte apresentava um padrão diferente

(17) [ambúrgo]	‘Hamburg’	German	[hámburg]
[stokkárda]	‘Stuttgart’	“	[stútgart]

Portanto, para Sluyters (1990), a acentuação de nomes e verbos ocorre no limite das três últimas sílabas da palavra. Os pés, dos quais se origina o acento, são constituídos conforme a regra abaixo:

- (18) Acento Primário no Italiano
 construa (não-iterativamente) da direita para a esquerda (* .) se possível,
 de outro modo, construa (*)_h or (.)_l
 (onde ‘σ’ é qualquer sílaba, ‘h’ é uma sílaba pesada e ‘l’ uma sílaba leve)
 (Sluyters, 1990, p. 82)¹²

De acordo com a regra, podem ser constituídos pés binários ou pés degenerados. Para Sluyters (1990), o acento é atribuído preferencialmente à penúltima sílaba, conforme a regra e

¹² (18) Italian Main Stress
 construct (non-iteratively) right to left (* .) if possible, otherwise construct (*)_h or (.)_l
 (Sluyters, 1990, p. 82)

a atribuição à antepenúltima ou última é efeito da extrametricidade, ou seja, segmentos, sílabas e pés podem ser extramétricos.

Embora Sluyters (1990) considere o italiano sensível à quantidade, Kager (1986), Nespor (1993) e Marotta (1999) têm outra opinião.

Marotta (1999) destaca que o único argumento possível a favor da sensibilidade à quantidade é a atração do acento exercida pela penúltima sílaba pesada, por exemplo, *finèstra* – ‘janela’, porém a língua apresenta muitos contra-exemplos que devem ser considerados. Sua proposta é admitir palavras com cabeça à direita, de modo a eliminar pés degenerados, bem como introduzir o pé ternário. A Teoria Métrica prevê pés limitados e ilimitados (Halle e Vergnaud, 1987), porém na prática, adotam-se pés limitados e binários (Hayes, 1985) e Kager (1985, 1995). O binarismo, para Marotta, representa um problema e assumir pés dos tipos iambo, troqueu e dátilo, no italiano, representaria melhor o padrão acentual da língua.

Para Nespor (1993), o acento, como característica fonológica suprasegmental corresponde a três características: intensidade, duração e acento tonal. No italiano, os principais correlatos físicos do acento são a duração e a intensidade. Isto vale dizer que em sua concepção uma sílaba acentuada é produzida com mais intensidade e dura mais que uma sílaba não acentuada. Além disso, Nespor salienta que na fonologia se faz necessária a distinção entre acento de palavra e acento frasal, uma vez que os acentos secundários também exercem um papel no contorno rítmico de um enunciado. Uma vez que admite a possibilidade de pés constituídos de mais de duas sílabas, Nespor não recorre à extrametricidade. Além disso, admite pés degenerados, que por sua natureza são considerados fortes. No entanto, apesar de não considerar o italiano uma língua sensível ao peso silábico, salienta que o acento e a duração andam juntos:

Aquilo que de fato é relevante é o peso silábico: se a sílaba acentuada é leve, a vogal se alonga, tornando-a pesada. (Nespor 1993, p. 159)¹³

Portanto, Nespor admite que uma sílaba acentuada, em italiano, tenha certa duração em virtude do acento. Além disso, destaca que, embora não considere o peso silábico um fator

¹³ Ciò che è rilevanti è, infatti, la pesantezza sillabica: se la sillaba accentata è leggera, la vocale si allunga, rendendola così pesante. (Nespor 1993:159)

relevante na atribuição do acento, em razão da existência de pares quase mínimos do tipo *sottile* e *dúttile*, o peso silábico pode ter um papel:

Em italiano se nota a tendência da penúltima sílaba atrair o acento se pesada, como em *arrosto* ‘assado’, *ricota* ‘ricota’, *amaranto* (*um tipo de planta*), *risoto* ‘risoto’, *soffitto* ‘teto’. De fato, existem poucas palavras que fogem a esta generalização: *mándorla* ‘amêndoa’, *árista* ‘assado’ e alguns nomes de localidades, entre os quais, *Ótranto*, *Lévanto*, *Táranto*. (Nespor 1993, p. 166)¹⁴

Destacamos que a frequência acentual do italiano, de acordo com Thornton et al, (1997) é de 80% na penúltima sílaba, 18% na antepenúltima e 2% na última, evidenciando a tendência do troqueu silábico no italiano.

Como dito anteriormente, adotaremos a análise de Sluyters (1990), porém na estrutura de superfície marcaremos os pés conforme se manifestam, no mais geral como troqueus silábicos e nos outros casos como dátilos. A posição de Nespor (1993) difere do português, em dois aspectos, não considera a extrametricidade nem o peso da sílaba final, mas apresenta muitos pontos semelhantes, como a definição de acento, a atribuição das sílabas em termos da relação de forte e fraco e o tamanho máximo das três janelas.

3.8 Português Brasileiro

Nesta seção apresentamos os estudos de Bisol (1996a, 1996b, 2003) e Tenani (2002,2006) sobre o sândi externo no português brasileiro. Bisol atribui ao acento principal da frase fonológica em conjunto com o apagamento de V1, o verdadeiro bloqueio à degeminação e à elisão. A ditongação, por sua vez, não sofre este bloqueio. Tenani (2002) tem como objetivo encontrar evidências entoacionais dos domínios prosódicos da frase fonológica (ϕ), da frase entoacional (I) e do enunciado (E) em português brasileiro, com a intenção de compará-las ao português europeu. Salientamos que o estudo de Tenani (2002, p. 293) indica

¹⁴ In italiano se nota la tendenza della penultima sillaba di una parola ad attrarre l'accento se pesante, come in *arrosto*, *ricotta*, *amaranto*, *risotto*, *soffitto*. Ci sono infatti poche parole che sfuggono a questa generalizzazione: *mándorla*, *árista* e alcuni nomi di località, tra cui *Ótranto*, *Lévanto*, *Táranto*. (Nespor 1993:166).

um efeito de direcionalidade esquerda/direita, comprovando que o acento mais à direita do domínio da ϕ bloqueia a degeminação. Tenani (2002, 2006:114) destaca ainda a tendência, no português brasileiro a implementar estruturas silábicas CV, sempre que houver contexto. Além disso, traz em seus dados evidências do papel da segunda vogal tônica, bloqueando a degeminação de modo a preservar a proeminência relativa da frase fonológica.

Bicalho (2009:116) examina a influência da realização de pausas, alongamentos, fala silabada e repetições na aplicação dos fenômenos de sândi vocálico externo na variedade falada em Belo Horizonte do português brasileiro e destaca que na análise acústica, aplicada com três informantes, o que apresentava menor velocidade de fala realizou mais aplicações de degeminação. De acordo como Nespor (2003), a velocidade da fala é um fator relevante apenas aos dois domínios superiores da escala prosódica.

São três os fenômenos de sândi contemplados na análise de Bisol (1996a, 2003), assim denominados, elisão, ditongação e degeminação.

3.8.1 Elisão

Em português brasileiro, é regra geral é a elisão da vogal baixa átona /a/ em final de palavra, seguida de vogal diferente, que inicie uma palavra.

(19) segunda vogal sem acento

Eu estava hospitalizado esta [vos] pitalizado (com aplicação)

(20) segunda vogal com acento

Compra ostras * com [pros] tras (sem aplicação)

Após a reestruturação

Compra ostras grandes com [pros] tras grandes (com aplicação)

Os dados apresentados pela autora revelam que o acento da segunda sílaba inibe o processo somente quando este acento representa o acento principal da frase.

O segundo processo descrito é a ditongação.

3.8.2 Ditongação

A ditongação, com que se exemplifica a emergência do não marcado, diferentemente da degeminação e da elisão, não está sujeita à restrição conjunta aplicada em nossa análise. A ditongação pode ocorrer, por vezes, no mesmo contexto da elisão e, por vezes, em outros contextos, como podemos ver nos exemplos abaixo.

- (21) camisa usada cami [zu] sada elisão
 (22) camisa usada cami [zaw] sada ditongação

O Princípio do Sequenciamento de Sonoridade (PSS) (Clements, 1990) rege a ditongação. Em (21) ocorre a perda da primeira vogal e em (22), de maneira diferente, não ocorre o desaparecimento da vogal /a/, mas sim a transformação do /u/ em glide /w/, com a vogal /a/ ocupando a posição de núcleo da nova sílaba. Note-se que, segundo a autora, em ambos os processos ocorre a perda de uma sílaba. Elisão e ditongação pertencem ao nível pós-lexical, sem primazia de um sobre o outro.

3.8.3 Degeminação

A degeminação, um efeito do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) (McCarthy 1979, 1986), é bloqueada pelo acento no pé principal da frase fonológica, assim como a elisão. Na sequência de duas sílabas em que se encontram núcleos idênticos, perde-se uma sílaba e a ressilabação é chamada. Por se tratar de vogais idênticas, a vogal funde-se com a vogal precedente, resultando em uma vogal longa que é encurtada, em razão do sistema não possuir vogais longas. As duas vogais passam a ter apenas uma representação no nível melódico, uma vez que o OCP proíbe a sequência de duas vogais idênticas.

- (23) kaza azul > ka.za.a.zul > ka.za.:zul > ka.za.zul
 kaza azul > ka [za] azul (Bisol, 1996a, p. 13)

Existe uma diferença entre ditongação de um lado e elisão e degeminação de outro. Somente as duas últimas são sensíveis à restrição do acento principal. A elisão e a degeminação perdem segmentos, a ditongação não. Nos processos de elisão e degeminação há síncope e ressilabificação, enquanto na ditongação apenas ocorre a ressilabificação. Isto é, a ditongação é menos marcada que a elisão e a degeminação. Bisol (1996a) chama atenção para o fato de que o resultado do sândi é sempre uma sílaba com ataque, indicando-o como solução para o hiato na frase e salienta que as regras de sândi são de caráter geral, isto é, não são restritas a variedades dialetais ou regionais, mas envolvem o português como um todo.

Em resumo, o PB, assim como muitas outras línguas tende a desfazer hiatos vocálicos através de processos de sândi.

Seguem-se os *tableaux* (Bisol & Alcântara, 2010: 155) e a hierarquia de restrições para os três casos de sândi no PB, conforme análise de Bisol.

(24) Hierarquia das restrições

[AlignL & MaxIO] >> Onset >> MaxIO >> AlignL

(25) Degeminação: Como uvas

/komu/ /uvas/	[AlignL & MaxIO]	Onset	MaxIO	AlignL
a. ☞[(kó.mu) (ú.vas)]				
b. [ko. (mú.vas)]	*!		*	*

(26) Elisão: Coma uvas

/koma/ /uvas/	[AlignL & MaxIO]	Onset	MaxIO	AlignL
a. ☞[(kó.ma) (ú.vas)]				
b. [(ko:) (mú.vas)]	*!		*	*

(27) Ditongação: Come uvas

/komi/ /uvas/	[AlignL & MaxIO]	Onset	MaxIO	AlignL
a. .[(kó.mi) (ú.vas)]				
b. ☞ [(ko:) (mjú.vas)]				*

A restrição conjunta é assim definida:

(28) Conjunção Local (LC)

[MaxIO & AlignL]


MaxIO requer a preservação dos segmentos do input, ao mesmo tempo que AlignL requer a coincidência da borda esquerda do pé do acento frasal com a borda esquerda da sílaba acentuada da palavra lexical. Resumindo, LC requer o alinhamento e também proíbe a síncope.

MaxIO&AlignL garantem que a síncope da vogal não ocorra. Porém, com a reestruturação da frase fonológica através da incorporação de um adjetivo, por exemplo ‘grande’, a restrição passa a não ter mais efeito, uma vez que o pé do acento frasal é deslocado.

O *tableau* a seguir (Bisol & Alcântara. 2010: 155) ilustra um caso de reestruturação:

(29) [(kõm.pra)] [(˘ɔ.vus) (‘grãn.dis)]]Φ

[MaxIO&AlignL]>>Onset>>MaxIO>>AlignL

[(kõm.pra)] [(˘ɔ.vus)] [(‘grãn.dis)]	[AlignL&MaxIO]	Onset	MaxIO	AlignL
a. [(‘kõm.pra) (‘ɔ.vus).(‘grãn.dis)]		*!		
b.  [‘kõm (‘prɔ.vuz)(‘grãn.dis)]			*	

Diante do exposto, conclui-se que, no PB, a degeminação e a elisão são marcadas com relação à restrição conjunta MaxIO & AlignL, mas a ditongação não é marcada, porque não envolve o apagamento da vogal, isto é, não viola a restrição conjunta. É um caso de emergência do não marcado.

Em suma, neste capítulo destacamos os estudos referentes ao sândi vocálico em italiano, além de outros processos de apagamento que ocorrem no domínio da frase fonológica nesta língua. Além disso, apresentamos as análises do sândi em duas outras línguas, a saber o catalão e o chicano. A proposta de Bisol (2003) para o sândi externo no português brasileiro será seguida em nossa análise do fenômeno em italiano. Também, apresentamos aspectos da morfologia, sistema vocálico, molde silábico e acento do italiano.

4 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Nesta pesquisa, analisamos, na ótica da Teoria da Otimidade, os fenômenos de sândi externo, denominados degeminação, elisão e ditongação, em italiano. Por serem responsáveis pela resolução de hiatos vocálicos em diversas línguas nossa intenção foi propor uma hierarquia de restrições semelhante para esta língua e para o português brasileiro, estabelecendo uma possível generalização.

Conforme vimos no capítulo anterior, a degeminação e a elisão são bloqueadas pelo acento frasal no português brasileiro, a ditongação, por sua vez, ocorre livremente. Com o objetivo de verificar se a resolução do hiato vocálico é igual nas duas línguas, utilizamos os dados de Hogetop (2006) para a degeminação em italiano, dados da bibliografia e realizamos uma coleta de dados, para os casos de elisão e ditongação.

Neste capítulo apresentaremos os detalhes da metodologia e coleta dos dados.

4.1 Coleta e organização dos dados

Embora não se trate de uma pesquisa de caráter sociolinguístico, seguem-se algumas informações sobre os informantes e a coleta dos dados a serem descritos.

4.1.1 Informantes

Os resultados obtidos através da análise dados do italiano, constituídos de entrevistas gravadas com informantes com essa língua materna, coletados para a pesquisa de Hogetop (2006) para o estudo da degeminação, serão agora examinados à luz da Teoria da Otimidade e comparados aos de Bisol (1996a, 1996b, 2001, 2003) para o português brasileiro, e aos de Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b, 2007c), para o italiano. Para complementar dados da bibliografia, foi realizada uma coleta de dados referente aos contextos de elisão e ditongação.

Os informantes da pesquisa de (2006) são italianos, que em passagem pelo Brasil, foram entrevistados na cidade de Porto Alegre, por ocasião de sua presença no Fórum Social

Mundial, realizado em Porto Alegre, em janeiro de 2006. Os informantes da segunda fase, com aplicação do instrumento são três funcionários do Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, duas estagiárias da Câmara de Comércio Italiana do Rio Grande do Sul e dois funcionários de uma empresa italiana que estavam de passagem pelo Brasil neste período. As duas primeiras fases referem-se à pesquisa de Hogetop (2006). A terceira fase refere-se à pesquisa atual que inclui a coleta de dados de elisão e ditongação. Os informantes desta etapa também são italianos de passagem pelo Brasil, sendo quatro professores universitários e dois profissionais liberais.

	Nome	Região de origem	Período fora do país de origem	Escolaridade	Idade
	Primeira fase – fala livre				
1	Informante 1	Veneto	10 dias	3 ^o grau	45 anos
2	Informante 2	Lombardia	2 meses	3 ^o grau	28 anos
3	Informante 3	Lombardia	1 semana	3 ^o grau	25 anos
4	Informante 4	Campania	1 mês	3 ^o grau	25 anos
5	Informante 5	Lazio	1 ano	3 ^o grau	26 anos
6	Informante 6	Sardegna	1 ano	3 ^o grau	29 anos
7	Informante 7	Lombardia	7 meses	3 ^o grau	26 anos
	Segunda fase – aplicação de instrumento de coleta				
8	Informante 8	Marche	4 meses	3 ^o grau	27 anos
9	Informante 9	Campania	2 meses	3 ^o grau	26 anos
10	Informante 10	Lazio	5 meses	3 ^o grau	42 anos
11	Informante 11	Veneto	1 mes	3 ^o grau	28 anos
12	Informante 12	Napoli	2 anos	3 ^o grau	46 anos
13	Informante 13	Lombardia	1 semana	3 ^o grau	38 anos
14	Informante 14	Lombardia	1 semana	3 ^o grau	43 anos
	Terceira fase - aplicação de instrumento para coleta de elisão e ditongação				
15	Informante 15	Lombardia	2 semanas	3 ^o grau	46 anos
16	Informante 16	Veneto	2 anos	3 ^o grau	35 anos
17	Informante 17	Piemonte	8 meses	3 ^o grau	39 anos
18	Informante 18	Piemonte	6 meses	3 ^o grau	41 anos
19	Informante 19	Sicilia	2 semanas	3 ^o grau	48 anos
20	Informante 20	Sicilia	2 semanas	3 ^o grau	50 anos

Quadro III - Dados dos Informantes

Na primeira fase de coleta as gravações foram de fala livre com aproximadamente 30 minutos por informante. A intenção destas gravações era obter dados de fala espontânea de

forma mais natural possível. Não houve preocupação com a escolha de um tópico específico, versando as entrevistas sobre experiências pessoais, formação profissional, entre outros assuntos.

As gravações das entrevistas com aplicação do instrumento (segunda e terceira fase) ocorreram, de modo geral, da seguinte forma: Aos informantes foi solicitado que lessem as frases, organizadas para os objetivos desta pesquisa, silenciosamente, procurando memorizá-las, e posteriormente enunciassem as frases, pelo menos duas vezes, sem olhar para o texto. As frases foram entregues uma a uma, de modo que os informantes pudessem lê-las com atenção, procurando evitar a leitura em série de todas as frases.

A necessidade de um instrumento de coleta deveu-se ao fato de que após uma análise da coleta da primeira fase das gravações, percebemos a falta de dados específicos que interessariam à pesquisa, no que diz respeito à hipótese ou questão norteadora. Tais dados referiam-se ao encontro de duas vogais em limite de palavras fonológicas, sendo a segunda vogal acentuada.

Com o objetivo de identificar o motivo da falta de dados, fizemos uma contagem em um dicionário de italiano das palavras iniciadas por vogal portadoras de acento na primeira sílaba, pois este dado era fundamental para a pesquisa. Para realizarmos esta contagem optamos pelo dicionário *Lo Zingarelli Minore* (1994). Este dicionário contém 59.000 vocábulos e apresenta na entrada lexical a localização do acento primário da palavra.

Constatamos que o possível motivo da falta dos dados necessários à pesquisa observada na primeira fase deve-se ao baixo índice de palavras em italiano com vogal acentuada inicial.

Além disso, para ser possível a ocorrência da degeminação em contextos que envolvessem adjetivos e nomes, era necessária a concordância nas suas formas de singular e plural, com vimos no capítulo anterior.

Os percentuais encontrados de palavras desta natureza são apresentados a seguir:

Vogal	Quantidade total aproximada	Quantidade percentual de palavras acentuadas	Subst. fem.	Subst. masc.	Subst. fem. pl	Subst. masc. pl
/a/	4338	178 = 4,10%	56			
/e/	1746	76 = 4,3%			6	
/i/	3280	44 = 1,3%				16
/o/	1158	156 = 6,47%		7		

Quadro IV- Palavras com vogal inicial acentuada - Fonte: Lo Zingarelli Minore

Apesar de não termos feito uma análise estatística de todos os cruzamentos (verbos, nomes, adjetivos), os números indicavam pouca probabilidade de contextos apropriados à degeminação, em amostras de fala livre. Desta forma, elaboramos o instrumento com frases de acordo com os contextos acima descritos. Cabe ressaltar que o instrumento foi inicialmente pensado para contextos de degeminação entre adjetivos e nomes. No entanto, posteriormente percebemos a possibilidade de ampliarmos o instrumento com frases que envolvessem a combinação de verbos e nomes, o que certamente aumentaria a possibilidade de contextos para aplicação da regra.

Para a elaboração do instrumento da terceira fase foi aproveitado o levantamento de palavras realizado na pesquisa de 2006.

4.1.2 Descrição e tabulação dos dados

Os dados analisados nesta tese referem-se a Hogetop (2006) para os casos de degeminação e de nossa última coleta para os dados de elisão e ditongação. Os dados encontrados na bibliografia, Garappa (2006, 2007), Meinschaefer (2005), Krämer (2009), Marota (1995), serão considerados comparativamente aos resultados encontrados na pesquisa.

Os contextos de análise restringiram-se à aplicação dos fenômenos entre palavras lexicais no domínio da frase fonológica, uma vez que nossa intenção era definir o papel de restrições fonológicas, morfológicas e prosódicas na aplicação do sândi externo. No que se refere às restrições de natureza morfológica, o encontro vocálico entre palavras lexicais propicia um contexto ideal para o estudo, uma vez que o plural do italiano, como já vimos, é realizado por *default* com a vogal /i/ e com a vogal /e/ para as palavras femininas terminadas em /a/, isso no que se refere aos encontros entre adjetivos e nomes. Além disso, foram testados contextos de verbos e nomes. Em ambos os casos a morfologia está envolvida. Com respeito às restrições de natureza prosódica, a frase fonológica mostra-se o contexto ideal para a pesquisa, uma vez que a sua reestruturação tem como resultado a alteração do acento frasal, contexto favorecedor para a aplicação do sândi externo. Este aspecto foi amplamente estudado em português brasileiro por Bisol (2003) e Tenani (2002), em italiano, por Nespor (1987), Nespor e Vogel (1986), Garrapa (2006, 2007), Marotta (1995), Krämer (2009), em catalão, por Wheeler (2005), Bonet e Lloret (1998), Cabré e Prieto (2005), entre outros. Portanto, estes estudos serão apresentados juntamente com os resultados obtidos em nossa pesquisa.

4.1.2.1 Degeminação

Contexto	φ Reestr.	Nr. Ocorr.
a + a – Adj + Nome (singular) <i>Quella grand<u>í</u>ssima <u>a</u>quila bianca se ne è andata via.</i>	126	51
o + o – Adj + Nome (singular) <i>Era un vecch<u>io</u> <u>o</u>rso bianco molto feroce.</i>	21	8
a + a – Verbo + Nome <i>Quando aveva sete be<u>ve</u>va <u>a</u>cqua minerale.</i>	42	20
o + o – Verbo + Nome <i>Al calar del sole appariranno <u>o</u>mbre sinistre.</i>	21	6
e + e – Adj + Nome (plural) <i>Lui ha comprato due grand<u>is</u>sime <u>e</u>liche nuove per la macchina.</i>	31	0
i + i – Adj + Nome (plural) <i>Nuovi <u>i</u>doli musicali sorgono tutti i giorni.</i>	59	0
e + e – Verbo + Nome <i>Lui userebbe <u>e</u>sche nuove.</i>	28	7
i + i – Verbo + Nome <i>Tu cantasti <u>i</u>nni sacri nel corale.</i>	16	6

Quadro V - Dados de Degeminação

Todos os contextos foram testados com frases com possibilidade de reestruturação, uma vez que consideramos categórica a não ocorrência da degeminação em frases não reestruturadas, uma vez que o acento de palavra é também acento frasal em frases não reestruturadas, contexto bloqueado para a degeminação, conforme Nespor (1987). Os contextos analisados foram de adjetivos + nomes e verbos + nomes, com a reestruturação através da incorporação de um adjetivo à direita do nome. Na tabela apresentada, a coluna ‘φ Reestr.’ apresenta o número de possibilidades de reestruturação e a coluna ‘Nr. Ocorr.’, a aplicação do degeminação nestes contextos.

4.1.2.2 Elisão

Contexto	φ Não Reest.	Nr. Ocorr.	φ Reestr.	Nr. Ocorr.
e + a Adj + Nome (plural) <i>In Brasile ci sono grand<u>is</u>sime <u>a</u>ree inabitate</i>	36	0	36	0
e + o Adj + Nome (plural) <i>Al calar del sole appariranno molt<u>is</u>sime <u>o</u>mbre sinistre.</i>	6	0	6	0
a + e Adj + Nome (singular) <i>Mi piace molto la bell<u>is</u>sima <u>e</u>poca primaverile.</i>	12	0	36	12

Quadro VI – Dados de Elisão

Os contextos foram testados com frases não reestruturadas e reestruturadas. O contexto foi de adjetivo + nome, com a reestruturação através de um adjetivo, nos casos de e + a e e + o, para adjetivos femininos no plural mais nomes iniciados com /a/ ou /o/. Os casos de a + e referem-se a adjetivos femininos no singular + nomes iniciados com /e/ e verbos + nomes.

4.1.2.3 Ditongação

Contexto	φ Não Reestr.	Nr. Ocorr.	φ Reestr.	Nr. Ocorr.
i + a <i>Ci sono molti <u>animali</u> in questo zoo. não reestr.</i>	42	38	36	28
i + o <i>Ha dato tanti <u>ordini</u> che nessuno lo credeva. não reestr.</i>	42	36	42	32
i + e <i>Lei è sicura di aver visto bellissimi <u>elfi</u> nel bosco. não reestr.</i>	18	9	18	9

Quadro VII – Dados de Ditongação

Todos os contextos foram testados com frases não reestruturadas e reestruturadas. O contexto foi sempre de adjetivo + nome, com a reestruturação através de um adjetivo, onde V1 é o morfema plural *default* do italiano.

5 ANÁLISE

5.1 Introdução

Este estudo, que se dedica à resolução do hiato em situação de sândi externo, fundamenta-se na Teoria da Otimidade (OT) e em princípios estabelecidos pela Teoria Prosódica. As duas teorias complementam-se nesta análise, a Teoria Prosódica estabelece os domínios da aplicação do sândi vocálico e a Teoria da Otimidade fornece o modelo representacional do mapeamento entre as estruturas subjacente e de superfície.

A resolução de hiatos vocálicos é uma tendência nas línguas, dentro e fora da palavra. Este comportamento foi amplamente estudado no português brasileiro, por Bisol (2003) e Tenani (2002), em italiano por Nespor (1986), Meinschaefer (2005) e Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b, 2007c), e em catalão, por Wheeler (2005), Bonet e Lloret (1998) e Cabré e Prieto (2005) e Bakovic (2007) no chicano.

Segundo Bisol (2003) o bloqueio do sândi é o acento principal da frase quando o apagamento de uma vogal acarreta o desalinhamento do pé principal. Uma restrição conjunta MaxIO e Align-L no domínio do sândi conduz a análise aos resultados previstos.

Neste capítulo, veremos que a resolução do sândi vocálico em italiano apresenta um comportamento semelhante ao do português brasileiro. Todavia há um aspecto a mais a ser considerado: a proibição do apagamento de vogal final no contexto V+V que tem o status de morfema plural.

Sequências de vogais são mapeadas de maneira fiel ou infiel ao *input* sob o controle das restrições envolvidas no processo. Porém, em virtude da flexão das formas de plural do italiano, além da restrição conjunta mencionada acima, uma restrição morfológica se faz presente. Desta forma, na língua em estudo, a interação entre restrições fonológicas, morfológicas e prosódicas é responsável pela escolha do candidato ótimo no *output*, que nem sempre se mostra o mais fiel ao *input*.

De modo geral, podemos resumir a formação do plural em italiano, onde *-il* e *-la* são artigos masculino e feminino singular, respectivamente, e *-i* e *-le* são artigos masculino e feminino plural, conforme o quadro abaixo. Dentro deste esquema geral, existem casos particulares, que não dizem respeito a esta análise.

	Singular	Plural
Nomes masculinos terminados em /a/:	- a – il problema - o - il bambino	- i problemi - i - i bambini
Nomes masculinos e femininos em terminados em /o/ e /e/:	- la mano - e - il padre - la legge	- le mani - i padri - le leggi
Nomes femininos terminados em /a/:	- a – la anima – l'anima	- e – le anime

Quadro VIII – Esquema de formação do plural em italiano adaptado de Dardano, M., Trifone, P. *Grammatica Italiana*, 1995. P. 180.

Considerando as possibilidades de encontros vocálicos na sequência de duas palavras, analisamos o tipo de sândi, a saber, degeminação, elisão e ditongação e o tipo de vogal envolvida no processo, morfemas singular e plural, bem como o papel do acento nuclear.

No italiano, conforme Nespor (1987:72-73), a degeminação não ocorre se a segunda vogal porta acento primário, no entanto, sua aplicação é possível, caso a primeira vogal porte acento primário. Da mesma forma, ocorre no português, de acordo com Bisol (2003:195).

- (1) ‘Piantará arbústi’ ‘plantará arbustos’ (Nespor, 1987:73)
‘Sofá azul’ (Bisol, 2003:195)

No entanto, quando a segunda vogal é acentuada, segundo Nespor, nada ocorre:

- (2) Dicono che mangiava álghe e nient’altro. (*mangiáválghe) ‘Dizem que comia algas e nada mais.’ (Nespor, 1987, p. 73)

O asterisco neste caso mostra o resultado mal formado, uma vez que *alghe* porta acento primário de palavra, bloqueando a degeminação.

Estudos recentes do italiano (Hogetop, 2006) mostram que o bloqueio do sândi está condicionado ao acento frasal, assim como afirma Bisol (1996a).

- (3) Quella [grandissima áquila]ϕ [bianca] ϕ se ne è andata via. (sem reestruturação)
‘Aquela enorme águia branca foi embora’. [grandissima aquila biánca] ϕ >
grandissi[ma]quila (com reestruturação) (Hogetop, 2006, p. 107)

A motivação para esta tese foi o fato de termos encontrado em nossa pesquisa no italiano sobre a degeminação, o acento nuclear como o verdadeiro obstáculo ao sândi. Este bloqueio se desfaz quando a frase for reestruturada por acréscimo de uma palavra. Porém, nos

contextos em que havia a presença de morfema plural na posição de V1, o sândi não se realizou. Deste modo interessou-nos estender a pesquisa contemplando ambientes nos quais este morfema estivesse presente para verificarmos seu papel no sândi vocálico. Além disso, incluímos os fenômenos de elisão e ditongação, tendo em vista que o funcionamento da degeminação e da elisão não é o mesmo da ditongação, conforme observou Bisol (2003:185) na análise do português brasileiro. Nesta língua, a degeminação e a elisão são bloqueadas por uma restrição de fidelidade em conjunto com uma restrição de alinhamento, ou seja, uma restrição conjunta, que impede o apagamento da vogal final de uma palavra se o pé do acento principal for desalinhado, situação a que a ditongação aplica-se livremente. Este aspecto é de particular interesse nesta análise, porque muitas vezes a vogal final da primeira palavra é o morfema plural /e/ ou /i/.

De acordo com Nespor (1999:121,122), uma frase fonológica inclui o cabeça de uma frase sintática e cada elemento situado no seu lado não recursivo dentro desta frase, a qual pode ser reestruturada com a inclusão de uma palavra fonológica se esta for complemento do cabeça precedente, isso pode liberar o caminho para o sândi.

O objetivo de nosso trabalho, portanto, é o de estabelecer um ranqueamento de restrições capaz de oferecer uma generalização para os fenômenos mencionados no italiano, considerando, especificamente, a presença de um morfema no contexto, pois as vogais finais /e/ e /i/ constituem morfema de plural.

5.2 Hierarquia das restrições

Partimos, pois, da restrição conjunta postulada por Bisol (2003), acrescentando a restrição que proíbe apagar morfema.

(4) MaxIO & Align-L >> MaxWI, MaxMorphPl >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(5) Restrições

Onset: Sílabas tem *onset* (Prince & Solensky, 1993);

MaxIO: Todo o segmento presente no *input* deve ter um segmento correspondente no *output* (McCarthy e Prince, 1995);

MaxWI: Todo segmento inicial de palavra no *input* deve ter um segmento correspondente no *output* (Casali, 1997);

Max Morph Plural: Toda a vogal do *input* com status de morfema plural deve ser preservada (Casali, 1997);

Align-L (Pé, sílaba): A borda esquerda do principal pé da frase deve coincidir com a borda esquerda da sílaba acentuada de uma palavra lexical (McCarthy & Prince, 1993, 2004, Bisol, 2003);

[MaxIO & Align-L]_Σ: As duas restrições MaxIO e Align-L que são conjugadas em uma única restrição, é violada se, e somente se, ambos os seus componentes são violados no mesmo domínio, que é o do pé principal da frase fonológica. (Prince & Smolensky 1993, Lubowicz, 2002, Bisol, 2003).

A restrição MaxWI (Casali, 1997:496-503) garante que em limites de palavras lexicais, quando V1 e V2 se encontram, V2 é preservada e V1 sofre elisão. As exceções ocorrem em circunstâncias muito especiais e a existência de padrões regulares de apagamento mostra que a elisão da vogal não é uma propriedade idiossincrática de línguas individuais.

Admitindo-se que morfemas plurais são preservados, o controle é feito pela restrição MaxMorphPL.

A restrição Align-L vem sendo considerada uma restrição de marcação, porque em geral estabelece relação entre unidades prosódicas, ou outras que não estão definidas no *input*.

A restrição conjunta [MaxIO & Align-L]_Σ prevista em nossa análise estabelece uma relação entre o apagamento de elementos do *input* e o desalinhamento de sílabas portadoras de acento nuclear no domínio do pé principal da frase ($\Sigma\phi$). A proposta de aplicação de restrições conjuntas de Lubowicz (2002) torna mais explícita a proposta de Prince & Smolensky (1993) e defende a ideia de que as duas restrições que compõem a restrição conjunta, seja uma de fidelidade e outra de marcação tem como finalidade acomodar à OT não serial aos efeitos do *Strict Cycle Condition* (SCC) da Teoria Lexical, apropriada para o estudo de derivativos. Além disso, de acordo com Lubowicz (2002:10), uma restrição conjunta é violada se e somente se suas restrições são violadas dentro de um mesmo domínio.

A seguir apresentamos os contextos de análise, na seguinte ordem: degeminação, elisão e ditongação.

5.3 Degeminação

5.3.1 Adjetivo + Nome (singular)

O contexto em análise, apresentado no capítulo anterior em 4.1.2.1, é o encontro de duas vogais idênticas em final e início de palavra, das quais V2 porta acento nuclear. As frases analisadas foram extraídas de Hogetop (2006). Apenas frases com possibilidade de serem reestruturadas por acréscimo de um constituinte à direita do Nome serão analisadas, tomando como ponto de partida a frase não estruturada. Duas foram as possibilidades de ocorrência, conforme apresentamos no capítulo anterior. A aplicação da reestruturação e da degeminação ocorreu em 59 oportunidades das 147 oferecidas. Embora tenhamos solicitado a elocução das frases sem a leitura, alguns informantes realizaram uma fala pausada, fator que favoreceu o hiato.

Em (6) apresentamos algumas frases que fizeram parte de nossa pesquisa, dentre as quais analisaremos uma referente ao encontro de V1'V2 com a vogal /a/ e outra com a vogal /o/.

(6) A degeminação no contexto adjetivo seguido de nome

Nel mondo c'è molta acqua inquinata.
'No mundo há muita água poluída.' 5/7

Quella vecchia anatra bianca è morta.
'Aquele velha pata branca morreu.' 6/7

In quel paese ci sono soltanto cinquanta anime buone.
'Naquele país há somente cinquenta almas boas.' 6/7

Quella grandissima aquila bianca se ne è andata via.
'Aquele grandíssima águia branca foi embora.' 6/7

Ha comprato una preziosa agata gialla.
'Comprou uma preciosa ágata amarela.' 3/7

Quell'antichissimo orcio romano è stato restaurato.
'Aquele antiquíssimo vaso romano foi restaurado.' 2/7

Era un vecchio orso bianco molto feroce.
'Era um velho urso branco muito feroz.' 5/7

As restrições básicas assim se hierarquizam:

(7) MaxIO & Align-L >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(8) Sem reestruturação

preziosa agata	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [pre.zio.sa (á.ga.ta)]φ		*		
b [pre.zio.(sá.ga.ta)]φ	*		*	*

(9) Com reestruturação

preziosa agata gialla	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [pre.zio.sa a.ga.ta (giál.la)]φ		*		
b [pre.zio. sa .ga.ta (giál.la)]φ			*	

(10) Sem reestruturação

vecchio orso	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [vec.chio (ór.so)]φ		*		
b [vec.(chiór.so)]φ	*		*	*

(11) Com reestruturação

vecchio orso bianco	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [vec.chio or.so bián.co]φ		*		
b [vec. chior .so (bián.co)]φ			*	

Como vimos no capítulo 2, o padrão acentual do italiano gera controvérsias, Sluyters (1990), D' Imperio e Rosenthal (1999) e Krämer (2009) argumentam em favor do troqueu, ou seja, pé binário e cabeça à esquerda, no entanto Nespor (1993) defende a existência de dois tipos de pé, o bissilábico e pés trissilábico. Em verdade, o padrão acentual do italiano é predominantemente troqueu, embora muitos sejam os exemplos de dátilos em nível de superfície. Nos tableaux, o pé principal está entre parênteses e em negrito a sílaba que sofreu o processo em estudo. O acento representado na análise não representa o acento gráfico no italiano, mas o prosódico. Os pés serão marcados conforme se realizam na estrutura de superfície, isto é, troqueus ou dátilos.

Um aspecto fundamental da teoria do Alinhamento Generalizado, segundo McCarthy & Prince (1993: 3; 2003:75) é que a generalização do Alinhamento somente é possível em um sistema que impõe restrições que avaliem a boa formação dos candidatos. Voltemos aos *tableaux* (8) e (10), em que os candidatos (8b) e (10b) são eliminados pela restrição conjunta MaxIO & Align-L, pois violam as duas restrições que a compõem. A restrição conjunta MaxIO & Align-L elimina estes candidatos, uma vez que Align-L exige o alinhamento do pé principal da frase fonológica e MaxIO exige que todo o segmento do *input* seja representado no *output*. Os candidatos com hiato (8a) e (10a) são os vencedores.

Nos *tableaux* (9) e (11), o hiato foi resolvido, porque a degeminação ocorreu fora do contexto proibido, que é o do pé do acento principal da frase fonológica. Com a incorporação à frase dos adjetivos *gialla* e *bianco*, o acento frasal é deslocado para o pé final, o qual não sofreu desalinhamento, abrindo caminho para a degeminação. Neste caso, a restrição Onset, ranqueada acima de MaxIO elimina os candidatos com hiatos. Os candidatos 9b e 11b são os escolhidos, em função da alteração do acento da frase fonológica, que agora recai sobre os adjetivos *gialla* e *bianco*. Neste caso, os candidato escolhidos ferem apenas MaxIO, restrição mais baixa que Onset.

Nespor (1987:73) atribui ao acento em V2 da palavra, sem fazer distinção entre acento de palavra e acento de frase, o bloqueio à aplicação da degeminação entre palavras lexicais. Nossos dados mostram que, no caso da reestruturação da frase fonológica, o acento de V2 não constitui impedimento para a degeminação, o que indica que o bloqueio reside no âmbito do acento principal da frase, como vemos no desenrolar desta análise. O ponto fundamental deste estudo é que somente por meio da proposta da restrição conjunta, se pode verificar que o bloqueio se deve ao apagamento junto ao desalinhamento do pé principal, por conseguinte é o acento principal da frase que tem papel decisório.

Por outro lado, Nespor (1987) salienta que o acento não tem qualquer papel no contexto de degeminação de palavra funcional seguida de lexical. No entanto, Garrapa (2007:73), ao analisar a degeminação neste ambiente, afirma que o acento de V2 impede a aplicação do sândi, não fazendo qualquer menção ao acento frasal. Como vimos em (9) e (11), o papel do acento frasal, mais especificamente, do pé principal da frase fonológica mostrou-se fator decisivo na aplicação da degeminação, assim como veremos em outros contextos, no decorrer de nossa análise. De qualquer forma, temos que admitir que os contextos que envolvem palavras funcionais seguidas de palavras lexicais diferem do nosso estudo, uma vez que as sequências apresentam um comportamento diferente entre si na árvore prosódica.

Além disso, Casali (1997:502,503) argumenta que palavras lexicais tendem a suportar um maior número de contrastes do que palavras funcionais, e que segmentos em palavras lexicais tendem a sofrer menos processos de redução ou assimilação.

Outras análises abordam a questão de maneira diferente. Krämer (2009:241) salienta em sua pesquisa do italiano que o papel do acento da palavra não se mostrou bloqueador ao processo. Cita um exemplo de Nespor (1990:383) – *erano órridi* - **éranórridi* – ‘eram horríveis’, como aceitável para seus informantes. No entanto, vale observar, que de acordo com nosso estudo, este é de fato um contexto bloqueador, pois se trata de acento principal da frase.

Wheeler (2005: 127), por sua vez, na análise do sândi no catalão, atribui à restrição *Clash, nos termos propostos por Elenbass (1999) e Kager & Elenbass (2003:185), a responsabilidade pelo bloqueio. No entanto, Cabré e Prieto (2005:128), afirmam que o bloqueio do sândi no catalão deve-se ao acento frasal de V2, fazendo referência a Bisol (2003), e não em virtude de restrições rítmicas, como defende Wheeler. No entanto, em nossa análise, assim como em Bisol (2003) não é isoladamente o acento de V2, mas o apagamento de V2 juntamente com o desalinhamento do pé principal (uma questão rítmica) o verdadeiro bloqueador do sândi.

Nespor (1987:71;1990:383) esclarece que a degeminação é um fenômeno de sândi externo que tipicamente se comporta como uma regra prosódica que afeta todas as principais categorias lexicais – a saber, nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Em contexto em que ambas as vogais são átonas, a degeminação em italiano ocorre livremente, como vemos em (12), no contexto de advérbio mais adjetivo.

(12) È stato senza'altro mólto offensívo quel gesto. ‘Aquele gesto foi muito ofensivo.’
(moltooffensivo) (Nespor,1987:71)

Neste exemplo de observamos que o contexto VV é o mais favorecedor para a aplicação da degeminação.

Além da discussão dos *tableaux* apresentados, vale observar que, em relação às frases apresentadas em (6), de acordo com Krämer (2009:238) o adjetivo *molto* perderia a vogal final somente em casos excepcionais, no entanto, encontramos em nossos dados 5 aplicações em 7 possibilidades, na frase *Nel mondo c'è molta acqua inquinata*. Além disso, segundo o pesquisador, as vogais finais dos adjetivos *vecchio* e *cinque* não sofreriam apagamento, porém nossos exemplos contrariam esta informação. Krämer (2009:238) salienta que a vogal final /e/ do adjetivo *grande* pode ser eventualmente apagada, como em *grand'uomo*. De modo a evitar

esta interpretação em nossos dados, procuramos testar a forma superlativa *grandissima*, com uma aplicação de 6 em 7 possibilidades.

5.3.2 Verbo ± Nome

Este contexto de análise, , apresentado no capítulo anterior em 4.1.2.1, refere-se ao encontro de duas vogais idênticas, respectivamente, final e início de palavra, das quais V2 porta acento nuclear. Os dados foram extraídos de Hogetop (2006). A aplicação da degeminação ocorreu em 26 das 63 oportunidades de aplicação.

(13) Degeminação no contexto verbo seguido de nome

Lei porta acqua fresca per tutti.
‘Ela leva água fresca para todos.’ 5/7

Quando aveva sete beveva acqua minerale.
‘Quando tinha sede, bebia água mineral.’ 5/7

Mangiava alghe esotiche e le piaceva molto.
‘Comia algas exóticas e gostava muito.’ 4/7

Al calar del sole appariranno ombre sinistre.
‘Ao cair da noite aparecerão sombras sinistras.’ 3/7

Il generale ha dato ordini impossibili da eseguire.
‘O general deu ordens impossíveis de cumprir.’ 2/7

Antes de passarmos à análise das frases, algumas considerações são necessárias no que se refere ao apagamento de vogais finais de verbos. De acordo com Krämer (2009:240), os casos de apagamento nos verbos estão restritos às vogais /e/ e /o/ em combinações de infinitivos mais clíticos, por exemplo, *mangiarlo* – ‘comê-lo’, ou opcionalmente em combinação de infinitivos com outros itens, por exemplo, *vedermeglio* – ‘ver melhor’. O gerúndio e o particípio também admitem a perda da vogal, por exemplo, *essend(o) entrati* – ‘tendo entrado’ ou *son(o) entrati* - ‘entraram’. No entanto, com o particípio passado, o apagamento da vogal não ocorre, como, por exemplo, *Il generale ha dato ordini impossibili da eseguire*. – ‘O general deu ordens impossíveis de cumprir.’. Em nossos dados, porém,

nesta frase, ocorreram 2 aplicações em 7. O que nos permite admitir que esses limites não sejam tão rígidos, desde que sobre eles não incida o contexto bloqueador.

Passemos às análises:

(14) Sem reestruturação

appariranno ombre	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [ap.pa.ri.ran.no (óm.bre)] ϕ		**		
b [ap.pa.ri.ran.(nóm.bre)] ϕ	*	*	*	*

(15) Com reestruturação

appariranno ombre sinistre	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [ap.pa.ri.ran.no om.bre si.(nís.tre)] ϕ		**		
b \leftarrow [ap.pa.ri.ran. nom .bre si.(nís.tre)] ϕ		*	*	

Em (14b) a degeminação foi bloqueada totalmente, isto é, a restrição conjunta e suas partes em separado são violadas. O vencedor é (14a), apesar de violar onset, duas vezes, mantém o hiato satisfazendo a restrição conjunta. No *tableau* (15), aumentando a frase por reestruturação, a degeminação tem vez, pois o vencedor é (15b). No entanto, vale salientar que a degeminação só ocorre quando o acento principal muda de lugar, isto é, quando o bloqueio se desfaz.

Nespor (1990:383; 1987:73) afirma que nos contextos nos quais a segunda vogal não é acentuada, a degeminação ocorre livremente. Porém, quando V2 porta acento de palavra, o sândi é bloqueado.

(16) Erano orríbili. ‘Eram horríveis.’

(17) Dicono que mangiava álghe e nient’altro. ‘Dizem que comia algas e nada mais.’

Como vemos, o acento principal de palavra a que Nespor se refere é exatamente o acento frasal. Se analisarmos estas frases via restrições, os resultados seriam exatamente os mesmos de nossa análise, o que indica que o bloqueio não é o acento da palavra por si só, mas o acento frasal em conjunção com o apagamento. Proíbe-se o apagamento porque se desalinha o pé principal ao aumentar seu domínio. Em (16), o ambiente é favorável ao sândi, sequência

de duas vogais átonas. Em (17) o candidato com a degeminação seria eliminado por ferir a restrição conjunta MaxIO & Align-L.

Vejam a análise no *tableau*. Esta análise refere-se ao contexto de verbo + nome no encontro da vogal /a/.

(18) Sem reestruturação

mangiava alghe	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a \curvearrowright [man.gia.va (ál.ghe)] ϕ			*		
b [man.gia.(val.ghe)] ϕ	*			*	*

(19) Com reestruturação

mangiava alghe esotiche	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [ma.gia.va al.ghe e.(só.ti.che)] ϕ			**		
b \curvearrowright [ma.gia.val.ghe e.(só.ti.che)] ϕ			*	*	
c \curvearrowright [man.gia.val.ghe.(só.ti.che)] ϕ		*		**	

Da mesma forma que ocorreu nos contextos envolvendo adjetivos + nomes, no *tableau* (18), no contexto de verbo + nome, o candidato com degeminação é eliminado pela restrição conjunta MaxIO & Align-L, pois viola as duas restrições que a compõem, uma restrição de fidelidade, MaxIO, e outra de alinhamento Align-L, ou seja, de marcação. Por conta disso, o candidato com hiato é o vencedor.

No *tableau* (19), o hiato foi resolvido, porque a degeminação ocorreu fora do contexto proibido, que é o do acento principal da frase fonológica. Com a incorporação de palavra à frase precedente, o acento frasal é deslocado para outro elemento e o desalinhamento ocorre fora do contexto proibido. A restrição Onset, ranqueada acima de MaxIO elimina os candidatos com hiatos privilegiando o candidato (19b). Porém, neste caso temos uma particularidade, que será discutida no próximo item. O Nome *alghe* é a forma plural de *alga*, portanto a V1 /e/ do nome *alghe* é morfema plural feminino em italiano e não poderia sofrer a degeminação, em razão da restrição MaxMorphPl, que exige a preservação no *output* de segmentos morfológicos. Este *tableau* será rerepresentado e discutido após a análise dos contextos que envolvem os morfemas de plural do italiano.

5.3.3 Adjetivo + Nome (plural)

Passemos agora a voltar nossa atenção para a presença do morfema de plural. Estamos diante de um contexto de análise em que este morfema tem um aspecto relevante. Trata-se do encontro de duas vogais idênticas em final e início de palavra, das quais, a primeira V1 é morfema de plural e V2 porta acento nuclear. As frases analisadas foram extraídas de Hogetop (2006). Neste caso, o número de aplicações da degeminação foi 0 em 90 oportunidades, conforme os dados apresentados no capítulo anterior em 4.1.2.1. Como era esperado, o morfema plural se mostrou o bloqueador do processo.

(20) Adjetivo seguido de nome com marca de plural

In questo cammino ci sono molte erte pericolose.
‘Neste caminho existem muitas subidas perigosas.’

Gli uomini scelgono diverse etiche professionale d'accordo con i suoi interessi.
‘Os homens escolhem diferentes éticas profissionais de acordo com os seus interesses.’

Lui ha comprato due grandissime eliche nuove per la machina.
‘Ele comprou duas grandíssimas hélices novas para a máquina.’

Mi piace leggere sulle bellissime epoche romantiche delle cavalleria medievale.
‘Eu gosto de ler sobre a belíssima época romântica da cavalaria medieval.’

Dopo tantissime ere terrestri molti animali si sono spariti.
‘Depois das tantas eras terrestres muitos animais desapareceram.’

Non è possibile rimuovere quelle antiche edere attaccate sulle mure.
‘Não é possível remover aquelas antigas heras presas nos muros.’

Quelle frondose erbe velenose sono belle.
‘Aqueles frondosas ervas venenosas são bonitas.’

Ha comprato due vasi impari rarissimi.
‘Comprou dois vasos díspares raríssimos.’

Loro cantano antichi inni sacri in quel corale.
‘Eles cantam antigos hinos sacros naquele coral.’

C'erano moltissimi idoli musicali in quella presentazione.
‘Havia muitíssimos ídolos musicais naquela apresentação.’

Nella guerra i violenti impeti mortali vincono la ragione.
‘Na guerra os violentos ímpetos mortais vencem a razão.’

Gli attuali indici meteorologici sono molti precisi.
 ‘Os atuais índices meteorológicos são muito precisos.’

La ragazza aveva spaventosi incubi notturni.
 ‘A moça tinha assustadores pesadelos noturnos.’

Detenhamo-nos em alguns aspectos da morfologia do italiano, que dizem respeito à formação do plural. Como vimos nos pressupostos teóricos, o plural é realizado pelo morfema /i/ como regra geral e pelo do morfema /e/ para as palavras femininas terminadas em /a/. Por exemplo, em uma palavra como *cantante* - ‘cantor(a)’, que pode ser feminina como *la cantante* e masculina como *il cantante*, o morfema plural do adjetivo, no caso de nossa análise, será imprescindível para a informação do gênero do nome, *nuovi cantanti* - ‘os cantores’ e *nuove cantanti* - ‘as cantoras’. Observemos, que no Nome, o plural é o default /i/, já o adjetivo deve concordar com o gênero, /i/ para o masculino e /e/ para o feminino.

Há particularidades que merecem atenção. Krämer (2009:239) salienta que determinantes no singular sofrem apagamento da vogal final, mas não sofrem no plural. Além disso, apenas alguns adjetivos, em sua maioria, aqueles cuja vogal final é /e/, costumam sofrer apagamento. Krämer conclui que o bloqueio ao apagamento não está relacionado à qualidade da vogal, mas sim a uma necessidade de exprimir uma informação morfossintática (plural) conectada à vogal em questão.

Como vimos nos pressupostos teóricos, Marotta (1995, p. 310) também salienta que os nomes não admitem a perda da vogal final /i/ quando morfema plural. Entretanto, no caso de adjetivos, a apócope e a elisão podem ocorrer se condicionadas a restrições rítmicas (1995: 301). Nossos dados mostram, como vemos no decorrer desta análise, que o deslocamento do pé do acento frasal (uma questão rítmica) abre contexto para o sândi.

Meinschaefer (2005) salienta que no *Troncamento*, o apagamento das vogais finais /e/ e /o/ após uma consoante /t/, /l/, /n/, /m/ e antes de outra vogal ou consoante, o bloqueio se daria, entre outras razões, à necessidade da preservação de traços morfossintáticos, como, por exemplo, as marcas de plural. Este aspecto foi verificado em nossos dados, observando que os morfemas plural /i/ e /e/ mostraram-se bloqueadores para a aplicação do sândi até em contextos favorecidos pela prosódia. Meinschaefer (2005:23) assim exemplifica:

(21) ‘La migliore ragione’ - ‘la miglior ragione’ - ‘a melhor razão’ (fem/sing)
 ‘Le buone ragioni’ - *‘le buon ragioni’ - ‘as boas razões’ (fem/pl)

O que parece claro é que morfemas tendem a ser preservados. Deste modo, como afirma Casali (1997:497), a elisão de uma vogal não é simplesmente uma propriedade idiossincrática de uma determinada língua individual, pois em sua pesquisa, mostra que posições prosódicas e morfológicas estão condicionadas por restrições.

Passemos a análise, apresentando em (22) apenas as restrições envolvidas neste contexto:

(22) MaxIO & Align-L >> MaxMorphPl >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(23) Sem reestruturação

molte erte	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [mol.te (ér.te)] ϕ			*		
b [mol.(tér.te)] ϕ	*	*		*	*

(24) Com reestruturação

molte erte pericolose	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [mol.te er.te pe.ri.co.(lô.se)] ϕ			*		
b [mol. ter .te pe.ri.co.(lô.se)] ϕ		*		*	

(25) Sem reestruturação

intensi incubi	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [in.ten.si (ín.cu.bi)] ϕ			**		
b [in.ten.(sín.cu.bi)] ϕ	*	*	*	*	*

(26) Com reestruturação

intensi incubi noturni	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [in.ten.si ín.cu.bi no.(túr.ni)] ϕ			**		
b [in.ten. sin .cu.bi no.(túr.ni)] ϕ		*	*	*	

A preservação do morfema de plural ocorre em consonância à restrição MaxMorphPl, enquanto a fidelidade ao *input* é consequência da restrição conjunta. Portanto, em todos os *tableaux* os vencedores são os candidatos (a), que satisfazem tais restrições, independentemente de estarem as frases reestruturadas.

É importante observar que há relação de dominância entre as restrições MaxIO & Align-L e MaxMorphPl. Em (23) e (25), os candidatos com degeminação são eliminados tanto pela restrição conjunta MaxIO & Align-L, como por MaxMorphPl.

Nos *tableaux* (24) e (26), o hiato seria resolvido, porque a restrição conjunta foi satisfeita, em razão da degeminação ter ocorrido fora do contexto proibido, com a incorporação de uma palavra. Porém, neste contexto, a restrição MaxMorphPl acaba por eliminar o candidato com a degeminação. Caso não houvesse envolvimento dos morfemas de plural, os candidatos (24b) e (26b) seriam os escolhidos, pois as frases com sândi estariam bem formadas. Nestes casos a não aplicação da degeminação foi categórica nas frases testadas no instrumento.

Como vimos nos estudos citados, esses resultados parecem coincidir com a ideia geral de que esses morfemas não podem ser apagados, isto é, devem estar representados no *output*, pois carregam uma informação morfológica que não pode ser perdida.


Nespor (1987:71), assim como Scalise (1983), afirma que a degeminação não ocorre dentro da palavra quando a morfologia está envolvida.

- (27) Há tante *idé*e ma non conclude mai niente (**idé* ‘ideias’)
 Sentiva degli strani scricchiolíi sulle scale (**scricchiolí* ‘rangidos’)

Em (27), a forma singular de *idee* é *idèa* e de *scricchiolíi* é *scricchiolìo*. Os morfemas de plural estão marcados em negrito. Ou seja, os nomes com /i/ tônica formam o plural em -*ìi*, porém os nomes com /i/ átona perdem no plural a /i/ do tema e terminam em /i/, como em *viaggio* – ‘viagem’ - plural – *viaggi*. Palavras que terminam em /i/ são átonas e têm a mesma forma para o singular e plural, como em *l’analisi* – *le analisi*. Isto pode ser tomado como um indicativo de que o morfema de plural sempre se manifesta em sílaba átona.

Embora as morfologias do português e do italiano, no que diz respeito à formação do plural, não possam ser comparadas, a preservação de morfemas também se impõe em português. Bisol (2003:190) apresenta um exemplo de bloqueio ao apagamento da vogal com status de morfema.

(28) MAXMS, MAXWI>> ONSET>> NODIPH, MAXIO

[na.is.ki.na.]	MAXMS	MAXWI	ONSET	NODIPH	MAXIO
a [na.is.ki.na]			*!		
b [nis.ki.na]	*!				*
c  [najs.ki.na]				*	
d [nas.ki.na]		*!			*

O morfema monossesgimental *a* na contração *na* (n+a) é apagado em (28b) violando MaxMS. O candidato (28a) viola Onset e o candidato (28d) viola MaxWI. Como consequência, o candidato ótimo é (28c), que, ao formar um ditongo, preserva o morfema, que na superfície se manifesta como glide.

No entanto, como mencionamos, encontramos em nossos dados dois resultados que apresentaram um comportamento não esperado em nossa análise, constituindo-se casos de superaplicação da degeminação. Segundo Collischonn (2010), a superaplicação caracteriza uma situação em que uma generalização não parece ser válida na representação superficial, e é exatamente este caso que encontramos em nossos dados.

5.3.4 Superaplicação da degeminação nos contextos que envolvem os morfemas plural /i/ e /e/ do italiano



Em nossos dados, bem como nas análises de Garrapa (2006, 2007, 2007a, 2007b), além de outros estudos no italiano, os morfemas de plural foram preservados no contexto de aplicação do sândi externo. Na sequência de palavras lexicais, na qual V2 porta acento frasal, o sândi vocálico é bloqueado. Nossa hipótese, confirmada no decorrer desta análise, é de que a reestruturação da frase fonológica abre contexto para aplicação do sândi, uma vez que V2 deixa de portar acento nuclear e permanece apenas com o acento de palavra. Portanto, o bloqueio deve-se ao acento da frase fonológica. Porém, no contexto em que a V1 é morfema plural do italiano, o sândi não ocorreu, pois em geral, morfemas tendem a ser preservados. A preservação de morfemas é um fato atestado em diversas línguas, e em italiano, especialmente, vários fenômenos, entre os quais, o *troncamento* e a apócope, mostram-se bloqueados quando o morfema de plural está envolvido. Em nossa análise, MaxMorphPl, garante a permanência deste morfema na estrutura de superfície.

Entretanto, encontramos em nossos dados dois casos de aplicação do sândi no contexto de morfemas plural, como veremos abaixo. Porém, estas aplicações não ocorreram no ambiente proibido (no pé principal da frase fonológica), mas sim, em um ambiente átono, favorecedor por excelência na ocorrência do sândi vocálico.

Esta aplicação constitui um legítimo caso de superaplicação, uma vez que a degeminação ocorreu onde não era esperada. O ambiente de ocorrência da degeminação, o encontro de duas vogais idênticas átonas, é o ideal para o sândi externo. Porém a restrição MaxMorphPl milita contra o apagamento do segmento morfológico envolvido no contexto.



Vejamos os exemplos em (29) e (30).

- (29) *Mangiava alghe esotiche e le piaceva molto.*
 ‘Comia algas esóticas e gostava muito.’

mangiava alghe esotiche	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [ma.gia.va al.ghe e.(só.ti.che)]φ			**		
b  [ma.gia.val.ghe e.(só.ti.che)]φ			*	*	
c  [man.gia.val.ghe.(só.ti.che)]φ		*		**	

Como vemos no *tableau* (29), a degeminação entre *alghe* e *esotiche* não é bloqueada pela restrição conjunta, porque ocorre fora do contexto proibido, que é o do acento principal da frase fonológica, porém a vogal /e/ de *alghe* é morfema de plural. A análise aponta para (29b) como vencedor. Todavia os dados dão prioridade a (29c). Estamos, portanto, diante de um caso de superaplicação, em que MaxMorphPl é anulada. Apesar da baixa aplicação, a degeminação ocorreu para eliminar o hiato entre *alghe* e *esotiche*. Esta aplicação não era esperada porque V1 é morfema de plural, no entanto, o contexto de duas vogais átonas é o mais favorecedor para o sândi, como já vimos. Além deste caso, também tivemos uma aplicação envolvendo o morfema plural /i/ na frase em (30).

- (30) *Il generale ha dato ordini impossibili da eseguire.*
 ‘O general deu ordens impossíveis de cumprir’

dato ordini impossibili	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [da.to or.di.ni im.pos.(sí.bi.li)]φ			**		
b  [da.tor.di.ni im.pos.(sí.bi.li)]φ			*	*	
c  [da.tor.di.nim.pos.(sí.bi.li)]φ		*		**	

Além disso, Nespor (1990:383) considera a ocorrência possível, ao exemplificar a degeminação entre Nomes seguidos de Adjetivos, como vemos em (31). Os acentos não são gráficos, apenas mostram o acento prosódico.

(31) *Sono tutti bambíni inteligénti.* ‘São todos meninos inteligentes.’

Garrapa (2006), por sua vez, ao analisar a elisão em italiano, entre palavras funcionais e lexicais, constatou que não há elisão envolvendo o morfema plural feminino, portanto a elisão também não ocorreria em um contexto átono, do tipo *famose atlete* - ‘famosas atletas’ (*famosatlete).

O mapeamento do *input* para o *output* por meio da hierarquia proposta, em que a restrição conjunta MaxIO & Align-L e MaxMorphPl são restrições hierarquizadas com prioridade e em dominância conduziu a análise com sucesso, permitindo afirmar que esse mapeamento corresponde ao que se denomina aplicação normal, em se tratando de sândi. O mapeamento é denominado superaplicação (*overapplication*) quando conduz a uma disparidade entre *output* e *input* no sentido de que o *output* extravasou os limites esperados. Nos *tableaux* (29) e (30), em que havia duas oposições, uma de ordem fonológica MaxIO & Align-L e outra de ordem morfológica MaxMorphPl, essas duas oposições foram neutralizadas. Satisfeita a primeira, pois a degeminação não ocorre no âmbito do pé principal, o sândi manifesta-se fora da aplicação normal, como no típico exemplo de *overapplication*:

(32) Candidato	Aplicação normal	Superaplicação
ordini impossibili	ordini impossibili	ordí nimpossibili

Satisfeita a restrição conjunta, no ambiente mais apropriado para o sândi, que é o de duas vogais átonas, parece que a motivação para obliterar MaxMorphPl é a fusão (degeminação) de duas vogais, quando a vogal emergente tem os mesmos traços fonológicos do morfema de plural.

5.3.5 Verbo + Nome

Este contexto de análise, apresentado no capítulo anterior em 4.1.2.1, refere-se ao encontro de duas vogais idênticas /i/ e duas vogais idênticas /e/ em final e início de palavra,

das quais V2 porta acento nuclear, envolvendo verbos seguidos de nomes. As frases analisadas foram extraídas de Hogetop (2006) e de uma coleta posterior. A aplicação da degeminação ocorreu em 13 das 44 oportunidades. Em (33) apresentamos algumas frases que fizeram parte de nossa pesquisa. Nossa intenção ao analisar este contexto era comparar o comportamento da degeminação das vogais /i/ e /e/ nos casos em que não são morfemas de plural do italiano, mas sim, fazem parte da morfologia dos verbos, nas desinências de flexão modo-temporal.

(33) A degeminação no contexto verbo seguido de nome

Voi userete elmi nuovi in questa battaglia.
‘Vocês usarão elmos novos nesta batalha.’ 1/7

Lei pianterebbe elci nuove per sostituire quelle altre.
‘Ela plantaria carvalhos novos para substituir aqueles outros.’ 1/7

Lui userebbe esche nuove.
‘Ele usaria iscas novas.’ 2/7

Silvia pianterebbe edere nuove tutt’intorno alla casa.
‘Silvia plantaria heras novas em torno da casa.’ 3/7

Tu cantasti inni sacri nel corale.
‘Tu cantaste hinos sacros no coral.’ 2/4

Tu avevi incubi notturni quando era piccola.
‘Tu tinhas pesadelos noturnos quando era pequena.’ ¼

Tu faresti indici bibliografici migliori se avessi più dati.
‘Tu farias índices bibliográficos melhores se tivesse mais dados.’ 0/4

Tu avevi impeti violenti in quella situazione.
‘Tu tinhas ímpetos violentos naquela situação.’ 3/7

O ranqueamento está em (34), com que MaxMorphPl não foi ativado, em razão do contexto envolver verbos seguidos de nomes.

(34) MaxIO &Align-L >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(35) Sem reestruturação

pianterebbe edere	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [pian.te.reb.be (é.de.re)] ϕ		*		
b [pian.te.reb.(bé.de.re)] ϕ	*		*	*

(36) Com reestruturação

pianterebbe edere nuove	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [pian.te.reb.be e.de.re (nuó.ve)] ϕ		*		
b \leftarrow [pian.te.reb.be.de.re (nuó.ve)] ϕ			*	

(37) Sem reestruturação

avevi impeti	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [a.ve.vi (ím.pe.ti)] ϕ		**		
b [a.ve.(vím.pe.ti)] ϕ	*	*	*	*

(38) Com reestruturação

avevi impeti violenti	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Onset	MaxIO	Align-L
a [a.ve.vi (ím.pe.ti) vio.(lén.ti)] ϕ		**		
b \leftarrow [a.ve.vim.pe.ti vio.(lén.ti)] ϕ		*	*	

Diferentemente do que ocorre com os nomes que preservam o morfema plural, nos verbos parece que a degeminação não é inibida diante de morfemas flexionais de verbos. Portanto, a flexão modo temporal –erebbe fica aberta para o processo em estudo. Todavia, nossos dados apontaram para uma preferência pelo hiato, o que pode ser um reflexo do pequeno número de dados analisados.

Cabré e Prieto (2005:129) exemplificam em (39) a degeminação no catalão entre V1`V2 no mesmo contexto, o que comprova a ideia de que a flexão verbal é mais adaptável e sensível ao apagamento, porque parte dela, em geral é preservada.

(39) Compri illes [i `i] compri illes verges [,i] ‘Você compra ilhas virgens’

Krämer (2009:239), ao analisar o apagamento em adjetivos singular e plural conclui que o bloqueio ao apagamento não está relacionado à qualidade da vogal, mas sim a uma

necessidade de expressar uma informação morfossintática (plural) conectada à vogal em questão. Portanto, no caso da flexão verbal, diferentemente do contexto que envolve o morfema plural, a informação morfológica pode ser recuperada nos resultados da degeminação, digamos do sândi em italiano.

Para Garrapa (2006) a aplicação da elisão é condicionada morfológicamente, de acordo com a capacidade de recuperação desta informação no contexto, além de depender do tipo de palavra funcional e frequência de ocorrência. Nos casos dos pronomes objeto direto e indireto (sem marcas de plural) *mi*, *ti*, *ci* e *vi*, a elisão ocorre nas seguintes proporções para os pronomes *mi* e *ti*: 48% nos casos de palavras funcionais seguidas de lexicais e 72% nos casos de palavras funcionais seguidas de funcionais seguidas de lexicais; e para os pronomes *ci* e *vi*: 16% nos casos de palavras funcionais seguidas de lexicais e 36% nos casos de palavras funcionais seguidas de funcionais seguidas de lexicais. Isso parece corresponder a nossa hipótese que o morfema plural é o que mais restringe a aplicação da elisão, uma vez que a aplicação nestes casos é praticamente nula. No que diz respeito à recuperação da informação morfológica, o que importa ser observado é que terminações verbais, embora contenham um morfema, podem ser elididas porque carregam mais material morfológico, como por exemplo, nas frases: *pianterebbe edere nuove, tu cantasti inni sacri* e *tu avevi impeti violenti*.

Nesta seção, analisamos os dados referentes à aplicação da degeminação em italiano em frase fonológica reestruturada. De modo geral, a degeminação ocorre no contexto V´V quando a segunda vogal do contexto, embora mantendo o acento de palavra, perde o status de acento frasal pela incorporação de uma palavra à direita da frase fonológica, por conta da reestruturação frasal. A análise valeu-se de uma restrição conjunta MaxIO & Align-L, a qual bloqueia o sândi no contexto de V´V quando o apagamento de V1 provoca o desalinhamento do principal pé da frase fonológica, evidenciando a interação de uma restrição fonológica com uma prosódica para dar conta do fenômeno em análise. No entanto, em nossos dados, um contexto específico se mostrou bloqueador do processo, mesmo nos casos em que a restrição conjunta foi satisfeita. Nos casos de V1 ser morfema plural no italiano, a degeminação não ocorreu em razão da restrição MaxMorphPl. Por outro lado, nestes casos, encontramos exemplos de superaplicação em contexto de duas vogais átonas, ambiente prosódico favorecedor para o sândi vocálico, no qual a restrição conjunta MaxIO & Align-L foi satisfeita e a restrição MaxMorphPl ficou sem efeito em razão da vogal emergente ter os mesmos traços fonológicos do morfema de plural.

No próximo item analisaremos os casos de elisão, nos contextos de aplicação no singular e plural.

5.4 Elisão

Entende-se a elisão como o apagamento de V1 no contexto V+V, constituído de vogais diferentes, que pertencem a diferentes palavras.

5.4.1 Adjetivo + Nome (singular)

O contexto em questão, apresentado no capítulo anterior em 4.1.2.2, é constituído de /a/ na posição de V1 seguida de V2, que não seja /a/, mas que porte acento. Como no contexto precedente, analisamos a frase reestruturada a partir da forma não reestruturada. Duas foram as possibilidades de ocorrência, conforme apresentamos no capítulo anterior. A aplicação da elisão ocorreu em 12 oportunidades das 36 oferecidas nas frases reestruturadas. Embora tenhamos solicitado a elocução das frases sem a leitura, alguns informantes realizaram uma fala pausada, fator que não favorece o processo.

(40) A elisão no contexto adjetivo seguido de nome

Hanno preparato una lezione sulla conosciuta etica greca.
‘Prepararam uma lição sobre a conhecida ética grega.’ 2/4

Lui ha comprato una grandissima elica nuova per la machina.
‘Ele comprou uma grandíssima hélice nova para a máquina.’ 4/4

Mi piace molto la bellissima epoca primaverile.
‘Gosto muito da belíssima época primaveril.’ 2/4

Molte donne sono state ammazzate nella cattiva era medievale.
‘Muitas mulheres foram mortas na horrível era medieval.’ 0/4

Non è possibile rimuovere quella antica edera attaccata sulle mure.
‘Não é possível remover aquela antiga hera presa nos muros.’ 0/4

La nuova etica brasiliana che regola questo paese.
‘A nova ética brasileira que controla queste país.’ 0/6

Abbiamo una nuova regola etica nel nostro paese.
‘Temos uma nova ética em nosso país.’ 0/6

Lei ha comprato una bellissima erba medicinale.
 ‘Ela comprou uma bellissima erva medicinal.’ 4/4

La nuovissima elite dirigente non sa cosa fare.
 ‘A novíssima elite dirigente não sabe o que fazer.’ (frase reestruturada – contexto átono)

La nuova elite che dirige questo paese non sa cosa fare.
 ‘A nova elite que dirige este país não sabe o que fazer.’ (frase não reestruturada – contexto átono)

Contando-se com a hierarquia de restrições apresentadas no início dessa análise, destacamos o papel de MaxIO & Align-L, que proíbe o desalinhamento do pé principal da frase fonológica em razão de apagamento de V1, MaxWI, milita contra o apagamento de V2, vogal inicial de palavra, Onset milita contra o hiato e MaxIO proíbe a síncope. A restrição MaxMorphPl não foi ativada em razão de V1 não ser morfema de plural. Observemos ainda, que não há relação de dominância entre MaxIO & Align-L e MaxWI.

(41) MaxIO & Align-L, MaxWI >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(42) Sem reestruturação

bellissima erba	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Onset	MaxIO	Align-L
a \leftarrow [bel.lis.si.ma (ér.ba)] ϕ			*		
b [bel.lis.si.mar.ba] ϕ	*	*		*	*
c [bel.lis.si.mer.ba] ϕ	*			*	*

(43) Com reestruturação

bellissima erba medicinale	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Onset	MaxIO	Align-L
a [bel.lis.si.ma ér.ba me.di.ci.ná.le)] ϕ			*		
b [bel.lis.si.mar.ba me.di.ci.(ná.le)] ϕ		*		*	
c \leftarrow [bel.lis.si.mer.ba me.di.ci.(ná.le)] ϕ				*	


Em (42) os candidatos (42b) e (42c) são eliminados pela restrição conjunta MaxIO & Align-L, pois violam as duas restrições que a compõe e, conseqüentemente, as suas partes em separado MaxIO e Align-L. O candidato (42b) também fere MaxWI, que proíbe o apagamento da vogal inicial da palavra. Por conta disso, o candidato com hiato (42a) é o vencedor. Onset favorece o sândi e MaxIO, por sua vez, proíbe o apagamento.

No *tableau* (43), o hiato foi resolvido, porque a elisão ocorreu fora do contexto proibido, que é o do acento principal da frase fonológica. Com a incorporação de palavra à frase precedente, o acento frasal é deslocado para outro elemento abrindo caminho para o sândi, atendendo a restrição conjunta. Neste caso, a restrição Onset, ranqueada acima de MaxIO elimina os candidatos com hiatos. Assim também ocorre com o português brasileiro, conforme a análise de Bisol (1996a, 2003).


Com respeito ao papel de MaxWI, que proíbe o apagamento do segmento inicial de palavra, Casali (1997:503) esclarece que as restrições específicas de MaxIO, como Max WI são decisivas no caso da elisão, uma vez que a hipótese geral é o apagamento de V1. Por conseguinte, MaxWI garante o resultado esperado, uma vez que proíbe o apagamento de V2 no candidato (43b), então V1 passa a ser a vogal candidata a elisão, como em (43c). Além disso, Onset é responsável por eliminar o candidato (43a). Desta forma, o candidato (43c) é o escolhido, por elidir V1, como esperado.

Vejam agora em (44) e (45) dois exemplos de aplicação da elisão no encontro de duas vogais átonas, ambiente favorecedor para o sândi. O nome *elite* – ‘elite’, que seria uma proparoxítona no italiano, apresenta a variante paroxítona, como revelaram nossos informantes. Desta forma, o contexto V’V, antes bloqueador, passa a ser favorecedor ao sândi na sequência VV.

(44) Sem reestruturação

nuova elite	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Onset	MaxIO	Align-L
a [nuo.va (elí.te)]φ			*		
b [nuo.va.(lí.te)]φ		*		*	
c  [nuo. ve .(lí.te)]φ				*	

(45) Com reestruturação

nuovissima elite dirigente	[MaxIO&Align-L] _(Σφ)	Max WI	Onset	MaxIO	Align-L
a [nuo.vis.si.ma e.lí.te di.ri.(gén.te)]φ			*		
b [nuo.vis.si. ma .li.te di.ri.(gen.te)]φ		*		*	
c  [nuo.vis.si. me .li.te di.ri.(gén.te)]φ				*	

Os *tableaux* (44) e (45) mostram o contexto favorecedor do sândi e o papel da restrição conjunta MaxIO & Align, plenamente atendida nestes casos. O apagamento de V1 não provoca o desalinhamento do pé principal da frase fonológica, permitindo a resolução do

hiato com a elisão. Os candidatos (a), apesar de fiéis ao *input*, são eliminados em razão da restrição Onset. Os candidatos (b) são eliminados por MaxWI e os candidatos (c) são escolhidos pois violam MaxIO, baixa no ranqueamento.

5.4.2 Adjetivo + Nome (plural)

Este contexto de análise refere-se ao encontro de duas vogais diversas em final e início de palavra, das quais V1 é morfema plural feminino e V2 porta acento nuclear. O contexto analisado é da vogal /e/ seguida por /a/ ou /o/. Como nos demais casos foram testadas frases não reestruturadas e com possibilidade de serem reestruturadas por acréscimo de um constituinte à direita do Nome. A aplicação da elisão não ocorreu em nenhuma das oportunidades oferecidas nas frases reestruturadas.

(46) Adjetivo seguido de nome com marca de plural

Queste sono due antiche arme medievali.
‘Estas são duas antigas armas medievais.’

Queste sono due antiche arme degli etruschi.
‘Estas são duas antigas armas dos etruscos.’

Quelle grandissime aquile bianche se ne sono andate via.
‘Aqueles grandíssimas águias brancas foram embora.’

Quelle grandissime aquile se ne sono andate via.
‘Aqueles grandíssimas águias foram embora.’

Ha comprato due preziose agate gialle.
‘Comprou duas preciosas ágatas amarelas.’

Ha comprato due preziose agate.
‘Comprou duas preciosas ágatas.’

Queste sono due bellissime agate sintetiche.
‘Estas são duas belíssimas ágatas sintéticas.’

Qui ci sono molte pericolose api africani.
‘Aqui há muitas perigosas abelhas africanas.’

Ci sono molte pericolose api in questa città.
‘Há muitas abelhas perigosas nesta cidade.’

In Brasile ci sono grandissime aree disabitate.
 ‘No Brasil há muitas áreas desabitadas.’

In questa città ci sono grandissime aree che si possono comprare.
 ‘Nesta cidade existem grandíssimas áreas que podem ser compradas.’

Al calar del sole appariranno moltissime ombre sinistre.
 ‘Ao cair da tarde aparecerão muitíssimas nuvens sinistras.’

Lei ha lavorato molto nelle ultime ore.
 ‘Ela trabalhou muito nas últimas horas.’

Em (47) apresentaremos apenas as restrições relevantes para a análise da elisão. Dentre as quais, MaxWI, que milita contra o apagamento de V2, vogal inicial de palavra, MaxMorphPl, que milita contra o apagamento do morfema plural, Onset que proíbe o hiato e MaxIO, que proíbe a síncope.

(47) MaxIO & Align-L, MaxWI >> MaxMorphPl >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(48) Sem reestruturação

antiche arme	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [an.ti.che (ár.me)]φ				**		
b [an.ti.(cher.me)]φ	*	*		*	*	*
c [an.ti.(chár.me)]φ	*		*	*	*	*

(49) Com reestruturação

antiche arme medievale	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [an.ti.che (ár.me)]φ [me.die(.vá.le)]φ				**		
b [an.ti.cher.me me.die.(vá.le)]φ		*		*	*	
c [an.ti.char.me me.die.(vá.le)]φ			*	*	*	

(50) Sem reestruturação

ultime ore	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [ul.ti.me (ó.re)]φ				**		
b [ul.ti.(me.re)]φ	*	*		*	*	*
c [u.lti.(mó.re)]φ	*		*	*	*	*

(51) Sem reestruturação

moltissime ombre	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a φ [mol.tis.si.me (óm.bre)] ϕ				*		
b [mol.tis.si.(mem.bre)] ϕ	*	*			*	*
c [mol.tis.si.(mom.bre)] ϕ	*		*		*	*

(52) Com reestruturação

moltissime ombre sinistre	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a φ [mol.tis.si.me (óm.bre)] ϕ [si.(nís.tre)] ϕ				*		
b [mol.tis.si. mem .bre si.(nís.tre)] ϕ		*			*	
c [mol.tis.si. mom .bre si.(nís.tre)] ϕ			*		*	

Nos *tableaux* (48), (50) e (51), representando frases não reestruturadas, o candidato fiel (a) ao *input* vence, pois viola apenas Onset, restrição dominada pela restrição conjunta MaxIO & Align-L, que exige o não apagamento do pé principal da frase fonológica. Além disso, MaxWI, elimina os candidatos (b) ao exigir a preservação de V2 e MaxMorphPl é responsável pela preservação do morfema plural, eliminando da competição o candidato (c) de cada *tableau*.

Nos *tableaux* (49) e (52), os três candidatos satisfazem a restrição conjunta, em virtude da elisão ocorrer fora do ambiente do pé principal da frase fonológica. Nos *tableaux* neste contexto, MaxWI e MaxMorphPl, restrições ranqueadas acima de Onset são as responsáveis por eliminar os candidatos (b) e (c). O candidato (a), fiel ao *input*, é o escolhido.

Do mesmo modo na elisão, como ocorreu na degeminação, a preservação do morfema plural, quando a restrição conjunta é satisfeita mostra o papel relevante que a restrição MaxMorphPl tem no sistema.

Este comportamento entre palavras lexicais é basicamente o mesmo que Garrapa (2007) encontra em seus dados para dois dialetos italianos (florentino e do Lecco), para a elisão entre palavras funcionais e lexicais, argumentando em favor da interação entre restrições morfológicas e fonológicas e comprovando o papel da morfologia na resolução do hiato. Garrapa propõe dois ranqueamentos para explicar a variação, porém de modo geral, os dados indicam que quando os morfemas /i/ e /e/ plural estão envolvidos, a aplicação da elisão é pouco frequente.

Garrapa (2007c) defende a ideia que a elisão não é imprevisível, mas sim decorre de uma interação de numerosos fatores morfológicos, fonológicos, prosódicos, ligados a

frequência de uso e a *performance* (registro, velocidade de elocução etc). Em nossa pesquisa fatores relacionados à frequência de uso e *performance* não foram analisados, porém a velocidade da fala não se mostrou um fator condicionante à aplicação do sândi. Os aspectos encontrados por Garrapa em sua análise, de certa forma corroboram nossa análise no que diz respeito ao acento e ao papel da morfologia.

Nesta seção analisamos os dados referentes à aplicação da elisão em italiano em frase fonológica reestruturada. De modo geral, a elisão ocorre no contexto de vogais diferentes na sequência V´V, quando a segunda vogal do contexto, embora mantendo o acento de palavra, perde o status de acento frasal pela incorporação de uma palavra à direita da frase fonológica. A análise valeu-se de uma restrição conjunta MaxIO & Align-L, a qual obriga o bloqueio do sândi no contexto de V´V quando do apagamento do segmento acentuado do principal pé da frase fonológica, evidenciando a interação de uma restrição fonológica com uma prosódica para dar conta do fenômeno em análise. No entanto, da mesma forma que na degeminação, no caso de V1 ser o morfema plural feminino /e/, a elisão não ocorreu em razão da restrição MaxMorphPl.

A seguir, analisaremos os casos de ditongação, na sequência V´V, onde V1 é morfema plural masculino.

5.5 Ditongação

A ditongação, na fala concatenada, é uma das formas utilizadas pelos falantes de uma língua para a resolução dos hiatos vocálicos. Uma sequência de duas vogais diferentes, se uma delas for alta, pode gerar o contexto para a formação de um ditongo, que pode ser crescente ou decrescente. Em razão de a vogal /i/ em final de palavra poder conter a informação morfológica de plural masculino, restringimos nossa análise aos ditongos crescentes, mais especificamente, à sequência da vogal alta /i/ seguida da vogal /a/ ou das vogais médias /o/ ou /e/, de modo a verificar se constituiria bloqueio para a ditongação.

Em português, vogais médias em posição átona final realizam-se com /i/ e /u/, propiciando a ditongação em limites de palavras. Nesta língua, como mostra Bisol (2003) a ditongação é a escolha mais natural por parte dos falantes na resolução do hiato, uma vez que não há perda de material fonético.

Em italiano, de modo geral, não há alçamento dessas vogais, com exceção de casos dialetais específicos. A neutralização do italiano ocorre de maneira inversa, a vogal alta /u/ em posição átona final pode realizar-se como /o/, porém o mesmo não ocorre com a vogal alta /i/. Este comportamento deve-se ao fato de que /i/ em posição final em nomes e adjetivos é morfema de plural, razão pela qual o abaixamento desta vogal para /e/ resultaria em perda de informação morfológica. Diante disso, em italiano não há variação na escolha entre elisão e ditongação, como há no português brasileiro, como vimos nos pressupostos teóricos deste trabalho.

5.5.1 Adjetivo + Nome (plural)

Este contexto de análise refere-se ao encontro de duas vogais diversas em final e início de palavra, das quais V2 porta acento nuclear. O contexto analisado, apresentado no capítulo anterior em 4.1.2.3, é da vogal /i/ seguida por /a/, /e/ ou /o/. Nestes contextos foram testadas frases não reestruturadas e com possibilidade de serem reestruturadas por acréscimo de um constituinte à direita do Nome. A ditongação ocorreu tanto no contexto de frases não reestruturadas como no de frases reestruturadas, assim como ocorre no português brasileiro, conforme apresentamos no capítulo dos pressupostos teóricos. A aplicação da ditongação em frases não reestruturadas ocorreu em 83 oportunidades das 102 oferecidas. Tendo em vista o fato da ditongação não sofrer o bloqueio do acento da frase fonológica, apresentaremos apenas os *tableaux* de frases não reestruturadas.

(53) A ditongação no contexto adjetivo mais nome com marca de plural

Ci sono tantissimi alberi intorno alla casa!
 ‘Existem tantíssimas árvores em torno da casa!’ 6/6

Tutti questi vecchi abiti devono essere dimenticati.
 ‘Todos estes velhos hábitos devem ser esquecidos.’ 6/6

Gli altri arbitri non sono arrivati.
 ‘Os outros árbitros não chegaram.’ 5/6

I nuovi autobus sono veloci.
 ‘Os novos ônibus são velozes.’ 6/6

Ci sono molti animali in questo zoo.
 ‘Existem muitos animais neste zoo.’ 6/6

Lei ha portato due grandi album di fotografie per noi.
 ‘Ela trouxe dois grandes álbuns de fotografia para nós.’ 3/6

Aveva tanti alibi che tutti ne hanno dubitato.
 ‘Tinha tantos álibis que todos duvidaram.’ 6/6

Ha dato tanti ordini che nessuno ci riusciva.
 ‘Deu tantas ordens que ninguém conseguiu.’ 6/6

Maria ha bellissimi occhi, ma sono sempre nascosti dai capelli.
 ‘Maria tem belíssimos olhos, mas estão sempre escondidos pelos cabelos.’ 6/6

Ci sono numerosi olmi tutt’intorno alla chiesa.
 ‘Existem numerosos olmos em torno da igreja.’ 3/6

Erano due vecchi orsi molto feroci.
 ‘Eram dois velhos ursos muito ferozes.’ 5/6

Gli altri ospiti sono arrivati in ritardo.
 ‘Os outros hóspedes chegaram atrasados.’ 4/6

Quegli orci sono stati restaurati.
 ‘Aqueles vasos romanos foram restaurados.’ 6/6

Loro hanno realizzato incredibili opere per questa città.
 ‘Eles realizaram incríveis obras nesta cidade.’ 6/6

Il Ministero degli affari esteri e il Ministero della Pubblica Istruzione.
 ‘O Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Educação.’ 4/6

I vecchi elmi che loro hanno portato sono spariti.
 ‘Os velhos elmos que eles trouxeram, desapareceram.’ 2/6

Lei è sicura di aver visto bellissimi elfi nel bosco.
 ‘Ela está certa de ter visto belíssimos elfos no bosque.’ 3/6

Em (54) apresentamos apenas as restrições envolvidas no processo de ditongação.

(54) MaxIO &Align-L, MaxWI >> MaxMorphPl >> Onset >> MaxIO >> Align-L

(55)

Tanti alibi	[MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph Pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [tan.ti (á.li.bi)]φ				*		
b \rightarrow [tan.(tja.li.bi)]φ						*
c [tan.(ti.li.bi)]φ	*	*			*	*
d [tan.(ta.li.bi)]φ	*		*		*	*

(56)

vecchi orsi	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [vec.chi (ór.si)]φ				*		
b \rightarrow [vec.(chjór.si)]φ						*
c [vec.chir.si]φ	*	*			*	*
d [vec.(chór.si)]φ	*		*		*	*

(57)

bellissimi elfi	MaxIO & Align-L] _(Σφ)	Max WI	Max Morph pl	Onset	MaxIO	Align-L
a [bel.lis.si.mi (él.fi)]φ				*		
b \rightarrow [bel.lis.si.(mjél.fi)]φ						*
c [bel.lis.si.mil.fi]φ	*	*			*	*
d [bel.lis.si.(mél.fi)]φ	*		*		*	*

Nos *tableaux* (55), (56) e (57) os candidatos (a), plenamente fiéis ao *input*, são eliminados por Onset e os candidatos (c) e (d) são eliminados, respectivamente pelas restrições MaxWI e MaxMorphPl. Diante disso, o vencedor é (b) em todos os *tableaux*, isto é, o ditongo. O processo de ditongação ocorre independentemente das frases serem reestruturadas, pois, embora ocorra o desalinhamento do pé do acento frasal, não há apagamento de qualquer segmento. Estamos diante de casos de emergência do não marcado, referidos em Bisol (2003), pois enquanto a degeminação e a elisão são controladas pela restrição conjunta, o ditongo está lá para emergir naturalmente, pois a satisfaz sempre: desalinha o pé principal mas preserva a vogal, que se manifesta como um glide.

A aplicação da ditongação mostrou-se mais produtiva nas sequência *i + a* (38/42) e *i + o* (36/42), já na sequência *i + e*, a aplicação foi de 9 em 18 das possibilidades. O contexto de *i + e* se mostrou menos favorecedor ao ditongo. É comum atribuir à máxima distância entre as vogais uma característica favorável ao ditongo.

A tendência de o português brasileiro preferir ditongos também foi atestada em estudos anteriores. O comportamento do italiano neste contexto é o mesmo do português brasileiro. A restrição conjunta, que bloqueia a resolução do hiato na degeminação e na elisão, é plenamente atendida na ditongação, uma vez que não há perda de segmento e a sílaba CV emerge naturalmente. A ditongação, portanto, é o típico exemplo da emergência do não marcado.

Segundo Garrapa (2007), a ocorrência da elisão no caso de morfema plural feminino, ao qual ela atribui duas marcas (+ fem, + pl) é praticamente inexistente. No entanto, em seus dados há uma baixa aplicação da elisão no caso de V1 ser morfema de plural masculino /i/, com apenas uma marca (+ pl). Assim, poderíamos ter:

(58) *Gli amici* - 'os amigos' - *gl'amici*

No entanto, em se tratando de palavras lexicais, no encontro de V'V, sendo V1 o morfema de plural /i/, a ditongação foi quase categórica. A escolha dos falantes variou entre a permanência do hiato ou a sua resolução pela ditongação.

Garrapa (2007c) ao submeter seus dados a uma análise auditiva, evidenciou que nos casos de não ocorrência de elisão, a ditongação é a escolha natural. Menos frequentemente o morfema plural é realizado como vogal, dando origem a um hiato, corroborando o que observamos em nossa análise. Pois em nossa pesquisa, a ditongação foi praticamente categórica no contexto entre palavras lexicais, nas quais V1 era a vogal alta /i/, morfema de plural masculino.

Da mesma forma que na degeminação, no caso dos ditongos em catalão, Wheeler (2005: 127) argumenta que a restrição *Clash é responsável pela resolução ou não do hiato. No exemplo 'menú idoni', a ditongação provocaria um *clash*, portanto o resultado seria um hiato, já no caso de 'menú imprés', a distância entre os acentos permitiria a formação do ditongo. Como vimos, no italiano, assim como no português brasileiro, a ditongação não se mostra sensível a uma restrição rítmica, pois na maioria dos casos, a sequência V'V resultou em um ditongo, surgindo naturalmente uma sílaba não marcada, atendendo o molde silábico desta língua.

Por sua vez, Cabrè e Prieto (2005:128), em sua análise do catalão, afirmam que o bloqueio do sândi na ditongação deve-se ao acento frasal de V2 e não a restrições rítmicas, sendo o fenômeno bloqueado por restrições de alinhamento. Como vimos no capítulo dos pressupostos teóricos o bloqueio à ditongação no catalão ocorre tanto em contextos de *clash*

como *no clash*. Portanto, os hiatos lexicais em catalão são resolvidos, grosso modo, como em português.

Bakovic (2007), por outro lado, atribui a resolução de hiatos vocálicos em chicano, à restrição No-Long, que proíbe segmentos adjacentes idênticos. As restrições centrais da análise são No-Long e Onset. Além disso, Bakovic argumenta que o acento não é bloqueador para os processos de resolução de hiatos. Como vimos no decorrer desta análise o acento principal da frase não bloqueia a ditongação, que emerge naturalmente como um glide, não violando a restrição conjunta MaxIO & Align-L, proposta em nossa análise. Em italiano e em português, se atribuirmos esse bloqueio a NO-LONG, não será possível explicar a não ocorrência do sândi, o qual está diretamente relacionado ao desalinhamento do pé principal da frase fonológica nos casos de degeminação e elisão.

Nesta seção analisamos os dados referentes à aplicação da ditongação em italiano. Nesse contexto, a restrição conjunta MaxIO & Align-L, que penalizava a degeminação e a elisão, é plenamente satisfeita, atendendo a restrição de marcação Onset por meio da formação de um ditongo crescente. A restrição MaxMorphPl não é violada, pois o morfema plural /i/ se realiza como um glide na estrutura de superfície. A ditongação, portanto, mostrou-se um caso de emergência do não marcado.

Em suma, neste capítulo, argumentamos que a resolução de hiatos vocálicos em italiano na sequência V^hV pode ser explicada pela interação entre restrições de fidelidade e de marcação dos tipos prosódicas, fonológicas e morfológicas. Para tanto, propusemos uma hierarquia em que uma restrição conjunta que milita contra o apagamento do pé principal da frase fonológica está altamente ranqueada, impedindo o sândi neste contexto. Além disso, uma restrição morfológica foi necessária para dar conta dos casos envolvendo morfemas de plural no italiano, uma vez que estes se mostraram bloqueadores do sândi, mesmo nos contextos liberados em função do acento frasal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sândi vocálico no italiano foi o tema deste estudo com ênfase em frases fonológicas reestruturadas, o que objetivou comprovar o papel do acento principal da frase fonológica como bloqueador do processo, bem como o papel da morfologia neste contexto específico.

A estrutura prosódica foi analisada com as ferramentas da Teoria da Otimidade, especificamente seu modelo denominado Alinhamento Generalizado, bem como através da proposta da Restrição Conjunta.

A restrição conjunta [MaxIO & Align-L]_Σ foi proposta para controlar o alinhamento do pé principal da frase fonológica, pois o sândi é bloqueado quando incide no contexto VV, candidato ao sândi em que V2 carrega o acento principal da frase fonológica. Assim como no português brasileiro, o italiano mostrou-se uma língua sensível a questões rítmicas, isto é, o acento em V2 bloqueia a aplicação, porém, este acento não é o da palavra, e sim o da frase fonológica. Tanto a degeminação quanto a elisão se mostraram sensíveis ao fato de V2 portar acento frasal. No caso de verificar-se este bloqueio, constatou-se que o acréscimo de uma palavra à frase e a consequente mudança de posição do acento principal liberam o contexto para aplicação do sândi. De modo bastante produtivo, a degeminação, em maior número, e a elisão, ambas passam a ocorrer no ambiente antes bloqueado pelo acento frasal, quando a frase é reestruturada em virtude do acréscimo de uma palavra sobre a qual incide o acento principal, liberando o contexto para o sândi. Vale dizer que a reestruturação é opcional, mas quando aplicada favorece o sândi, caso não sejam inseridas pausas rítmicas. Em um fluxo de fala normal, ao desfazer-se o bloqueio pela reestruturação, o sândi ocorre. A Restrição Conjunta que diz respeito a este domínio específico, ou seja, o pé principal da frase fonológica controla a aplicação da regra, o que significa que o apagamento da sílaba acentuada implica violação fatal dessa restrição. Desaparecendo o bloqueio por reestruturação, o sândi se realiza: [preziosa agata gialla] – [preziosagata gialla]; [vecchio orso bianco] – [vecchiorso bianco]. As ocorrências acima descritas referem-se ao encontro das vogais /a/ e /o/. Essas vogais pertencem a nomes no singular respectivamente, feminino e masculino. Lembremos que o adjetivo que precede o nome deve concordar em gênero e número o que forma o contexto desse estudo.

A preservação de morfemas é atestada em várias línguas, e especialmente no que se refere aos morfemas de plural do italiano. Alguns estudos relacionados aos clíticos comprovaram que estes morfemas, em geral não são apagados em decorrência da aplicação de regras fonológicas. O aspecto a ser salientado em nossos resultados é, portanto, a preservação dos morfemas de plural envolvidos no contexto de sândi. Por conseguinte, além de verificarmos o papel do acento frasal na aplicação do sândi, investigamos a interação da morfologia nos processos fonológicos e prosódicos do fenômeno. Levando em consideração o comportamento do sândi em italiano, processo bastante produtivo nos clíticos desta língua, testamos o papel da morfologia no bloqueio ao sândi na sequência de duas palavras lexicais, em que V1, vogal final da primeira palavra, é morfema de plural, e V2, é a sílaba acentuada inicial da segunda palavra. Uma característica da morfologia do italiano é a formação do plural com a vogal /e/ para as palavras femininas terminadas em /a/ e com a vogal /i/ como *default* para as demais. Portanto, os contextos de análise na degeminação para o plural referem-se ao encontro de duas vogais médias /e/ e de duas vogais altas /i/. No italiano não há neutralização da vogal átona final /e/, como ocorre no português brasileiro. Além disso, no italiano *standard*, a vogal alta /u/ sofre um abaixamento em posição átona final, porém o mesmo não ocorre com a vogal alta /i/. Deste modo, nos contextos envolvendo a vogal média /e/, testamos duas alternativas, a degeminação e a elisão, vogal média seguida de /a/. No que se refere à vogal /i/, além da degeminação, testamos a possibilidade de ditongação, nas sequências *i + a*, *i + o* e *i + e*. Nossos dados apontaram para a não ocorrência da degeminação com qualquer uma das vogais portadoras de informação morfológica. Uma restrição do tipo MaxMorphPl, controla o apagamento destes morfemas no contexto em estudo. Constatou-se que a presença do morfema bloqueia a regra, embora a restrição conjunta [MaxIO & Align-L]_Σ seja satisfeita. Em suma, a reestruturação da frase fonológica não abre contexto para o sândi na sequência de duas palavras lexicais, quando a vogal a ser apagada é morfema de plural.

Um fato a ser observado é que a ditongação não é inibida pelo acento frasal, nem pela restrição morfológica. Nas sequências de vogal alta /i/ mais vogal baixa /a/ ou médias /o/ e /e/, a ditongação ocorre livremente, pois, embora haja o desalinhamento do pé portador do acento da frase, não há qualquer apagamento, e a vogal alta pode se superficializar como um glide, resultando um legítimo caso de emergência do não marcado, como vemos em [nuovjautobus], [numerosjolmi], [affarjesteri].

Uma observação a ser feita é que ocorreram dois casos de superaplicação: [mangiavalghesotiche] e [datordinimpossibili]. O mapeamento é denominado superaplicação

(overapplication) quando conduz a uma disparidade entre *output* e *input* no sentido de que o *output* extravasou os limites esperados. Neste caso, duas oposições se fizeram presentes, uma de ordem fonológica MaxIO & Align-L e outra de ordem morfológica MaxMorphPl, pois V1 é morfema de plural. Satisfeita a primeira, em virtude de VV estar em ambiente átono, a degeminação manifestou-se no ambiente prosódico mais apropriado, que é o de duas vogais átonas, obliterando MaxMorphPl pela fusão (degeminação) de duas vogais, quando a vogal emergente tem os mesmos traços fonológicos do morfema de plural.

Por fim, especificamente no que se refere aos contextos de verbos seguidos de nomes, o sândi se aplicou quando a regra de reestruturação liberou o contexto bloqueado, revelando que a flexão verbal nos dados testados apresenta mais material fonológico para garantir a informação morfológica.

Cabe salientar que a aplicação do sândi dentro da frase fonológica não se mostrou sensível à velocidade da fala. Para Nesper, este fator é favorecedor somente nos domínios mais altos da escala prosódica, frase entoacional e enunciado. A aplicação do sândi ocorreu com taxas de elocução variadas. Acreditamos que atribuir à velocidade da fala a razão do sândi dentro da frase fonológica é retirar o caráter fonológico do fenômeno. O fato de termos encontrado a aplicação do sândi com diversas taxas de elocução pode servir como evidência para estabelecer a frase fonológica como domínio da aplicação do sândi não atribuindo à regra um caráter puramente fonético.

O sândi externo em italiano apresentou um comportamento praticamente idêntico ao do português brasileiro no que diz respeito ao papel da restrição conjunta. A diferença reside no fato de que no italiano, o sândi é controlado basicamente por uma restrição a mais, em nível alto da hierarquia, que é MaxMorphPl.

REFERÊNCIAS

ARCHANGELI, D. Optimality Theory: An introduction to linguistics in the 1990s. In: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. (eds.) *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell, 1997.

BAKOVIC, E. Hiatus Resolution and Incomplete Identity. In: MARTINEZ-GIL, F; COLINA, S. *Optimality-theoretic studies in Spanish phonology*. The Ohio State University: University of Arizona, p.62- 73, 2007.

BICALHO, C. G.C.C. *Influências Prosódicas nos Encontros Vocálicos em Fronteiras de Palavras*. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, v. 4, n. 1, p.94-118, 2009.

BISOL, L. *Sandhi in Brazilian portuguese*. *PROBUS* v.15, n.3, 2003, p.177-200.

_____. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.229-241.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M. H. M. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Unicamp, 1999, p. 1-45. v. 7.

_____. *Sândi Vocálico Externo*. Manuscrito. p. 1-34, 1996a.

_____. *O sândi e a ressilabação*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 104, p. 159-168, jun 1996b.

BISOL, L.; ALCÂNTARA, C. C. *Marcação*. In: BISOL, L; SCHWINDT, L. C. *Teoria da Otimidade: Fonologia*. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

BONET, E; LLORET, M-R. *Fonologia catalana*. Barcelona: Ariel, 1998.

CABRÉ, T.; PRIETO, P. Positional and metrical prominence effects on vowel sandhi in Catalan. In Frota, S.et al. (eds) *Prosodies with special reference to Iberian Languages*. Berlin-New York, Mouton de Gruyter. 2005, p.124-157..

CASALI, R. F. *Vowel elision in hiatus contexts: which vowel goes?* *Language*, n. 73 (3), 1997, p.493-533.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York. Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. *The role of the sonority cycle in core syllabification*. In: *Paper in Laboratory Phonology I*, Kingston: E Beckman, 1990, p.283-333.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. *CV Phonology: a generative theory of the syllable*. *Linguistic Inquiry Monograph*, n.9. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.

COLLISCHONN, G. Opacidade. In: BISOL, L; SCHWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da Otimidade: Fonologia*. São Paulo: Pontes Editores, 2010, p.167-205.

DARDANO, M.; TRIFONE, P. *Grammatica Italiana*. Milano: Zanichelli, 1995.

D' HULST, Y. *Romance Plurals*. *Língua*, v. 116, no 9, 2006.

D'IMPERIO, M; ROSENTHALL, S. *Phonetics and phonological of main stress in italian*. *Phonology*, v.16, 1999, p.1-28.

ELENBAAS, N.; KAGER, R. Ternary rhythm and the lapse constraint. In J. McCarthy (ed.), *Optimality Theory in Phonology*. Malden, MA: Blackwell, 2003, P.178-190.

FINIZIO, G. *Elisione: Un caso Di Regole Grammaticali in Transizione*. *Italia*, Vol. 60, N. 4, 1983, p.360-366.

GARRAPA, L.. L'Elisione Vocalica nelle Lingue Romanze. Resumo da Tese de Doutorado, 2007c. Extraído de: < http://www.cril.unisalerno.it/en/staff_details. >

_____. Italian Vowel Deletion across Word Boundaries: Phonology or Morphology? In: A. LAHIRI, J. MEINSCHHAEFER; SCHWARZE. *Documentation of the Workshop "Formal and Semantic Constraints in Morphology"*, Konstanz, 1-2 November, 2007b, p. 61-84.

_____. *Vowel Elision in Two Varieties of Spoken Italian is constrained by morphology*. *Arbeitspapier*, n.121, Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz (published in *Konstanzer On-line- Publications-Systems, KOPS*), 2007a.

_____. *Vowel Elision in Italian as spoken in Florence and Lecco*. Old World Conference in Phonology (OCP) 4, Rhodes, Gennaio, 2007.

_____. To appear (a). Vowel elision in spoken Florentine Italian. In Tock, Daniele & Wetzels, Leo (eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2006*. Amsterdam: John Benjamins.

GHINI, M. *Phi-formation in Italian: a New Proposal*. Toronto Working Papers in Linguistics, v. 12, no.2, 1993, p.41-78.

HALL, T. A.; KLEINHENZ, U. (eds.). *Studies on the phonological word. (Current Issues in Linguistic Theory 174.)* Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1999, Pp. vi + 297.

HALLE. M.; VERGNAUD, J. *An Essay on Stress*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1987.

_____. *Metrical Structures in phonology*. Ms., MIT, Cambridge, MA. 1978.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.

_____. Precompiled phrasal phonology. In: S. Inkelas and D. Zec (eds). *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago: University of Chicago Press, p. 85-108, 1990.

_____. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Ph.D. dissertation.: MIT. IUCL, 1980.

HOGETOP, D. *A degeminação no italiano em frase fonológica reestruturada*. PUC-RS. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

_____. *A degeminação no italiano em frase fonológica reestruturada*. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C (orgs). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.45, n.1, 2010, p.49-60.

ITO, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese (Doutorado em Letras). University of Massachusetts, Amherst, 1986.

JAKOBSON, R. *Selected writings 1: phonological studies*. The Hague: Mouton, 1962.

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KRAMER, M. *The Phonology of Italian*. New York: Oxford University Press, 2009.

LIBERMAN, M. *The Intonational System of English*. Ph.D diss. MIT. IULC, 1975.

LIBERMAN, M. PRINCE, A. *On stress and linguist rhythm*. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 8, n. 2, 1977, p.249-336.

LUBOWICZ, A. *Derived Environment Effects in Optimality*. *Lingua*, v.112, 2002, p.243-280.

MAROTTA, G. *Apocope Nel Parlato Di Toscana*. *Studi Italiani di Linguística Teórica e Applicata*, n. 2, p. 297-322,1995.

_____. *Degenerate feet nella fonologia métrica dell'italiano*. In: BENINCÀ, P., MIONI, A.M., VANELLI, L. (Eds), *Fonologia e morfologia dell'italiano e dei dialetti d'Italia*. Atti Del XXXI Congresso della Società di Linguistica Italiana, Roma, Bulzoni, 1999, p.97-116.

MATTOSO CÂMARA Jr, J. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1971.

McCARTHY, J. *Doing Optimality Theory*. Blackwell, 2008.

_____. *OCP Effects: Gemination and Antigemination*. *Linguistic Inquire*. Volume 17, no. 2, 1986. p.207-263.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Generalized Alignment: Introduction and Theory*. In J. McCarthy (ed.), *Optimality Theory in Phonology*. Malden, MA: Blackwell. 2003, p.72-76.

_____. *Generalized Alignment: Prosody*. In J. McCarthy (ed.), *Optimality Theory in Phonology*. Malden, MA: Blackwell. 2003, p.167-177.

_____. *Generalized Alignment: The Prosody-Morphology Interface*. In J. McCarthy (ed.), *Optimality Theory in Phonology*. Malden, MA: Blackwell. 2003, p.451-463.

_____. *The Emergence of the Unmarked*. In J. McCarthy (ed.), *Optimality Theory in Phonology*. Malden, MA: Blackwell. 2003, p.483-494.

_____. *The Emergence of the Unmarked. Optimality in Prosodic Morphology*. In: *Proceedings of the North East Linguistic Society 24*, ed. Mercé Gonzáles, p. 333-379. Amherst, MA GLSA Publications. Disponível em: < [http://roa.rutgers.edu, ROA \[3\]](http://roa.rutgers.edu, ROA [3]) >.

_____. *Faithfulness and reduplicative identity*. UMOP, v. 18, 1995, p.249-384.

_____. *Generalized Alignment*. In G. E. Booij and J. van Marle (eds.), *Yearbook of Morphology*, Dordrecht: Kluwer, 1993, 79-153.

_____. *Prosodic Morphology: Constraint Interaction and Satisfaction*. Technical Report. Rutgers University Center for Cognitive Science, New Brunswick, NJ, 1993. Disponível em: < [http://roa.rutgers.edu,\[ROA-482\]](http://roa.rutgers.edu/[ROA-482]) >.

_____. *Prosodic morphology*. MS, University of Massachusetts, Amherst, and Brandeis University, 1986.

MEINSCHAEFER, J. *The Prosodic Domain of Italian Troncamento is not the clitic group*. Arbeitspapier Nr. 118. Fachbereich Sprachwissenschaft. Universität Konstanz, 2005. Disponível em: < <http://www.ub.uni-konstanz.de/kops/volltexte/2005/1584/> >.

NESPOR, M. The phonology of clitic groups. In: Hvan Riemsdijk. *Clitics*. Eurotyp. Theme Group 8, Berlin, 1999, p.865-890.

_____. *Le Strutture del Linguaggio: Fonologia*. Bologna: Il Mulino, 1993.

_____. *Vowel Deletion in Italian: the organization of the phonological component*. *The Linguistic Review*, Amsterdam, v. 7, 1990, p.375-398.

_____. *Vowel Degeminantion and Fast Speech Rules*. *Phonology Yearbook*, Amsterdam, v. 4, 1987, p.61-85.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

_____. I. Prosodic Domains of External Sandhi Rules. In: HULST, H. *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982, p.225-265.

PEPERKAMP, S. *Prosodic Words*. The Hague: Holland Academic Graphics. PhD dissertation, University of Amsterdam, 1997.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Ms Rutgers University and University of Colorado at Boulder. 1993.

_____. *Optimality Theory: Constraint interaction in Generative Grammar*. Technical Report, Rutgers University and University of Colorado at Boulder, 1993. Revised version published by Blackwell, 2004. Disponível em: < [http://roa.rutgers.edu,\[ROA-639\]](http://roa.rutgers.edu/[ROA-639]) >.

SELKIRK, E. *The prosodic structure of function words*. In: Papers in Optimality Theory. Jill Beckman; Laura Dickey and Susanne Urbanczyk (ed), Amherst, Mass: GLSA, 1995, p.439-469.

_____. On the nature of prosodic constituency: comments on Beckman and Edwards's paper. In: KINGSTON, J and BECKMAN, M (eds). *Papers in Laboratory Phonology 1: Between the grammar and Physics of Speech*. New York, CUP, 1990.

_____. *On derived domains in sentence phonology*: Phonology Yearbook. n. 3, 1986, p.371-405.

_____. *Phonology and syntax*. Cambridge, MA, MIT Press. 1984.

_____. The Syllable. In: HULST, Harry. *The Structure of Phonological Representations*, Dordrecht, v.3, 1982, p.337-383.

_____. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. In; FREITHEIM, T. (Eds) Nordic Prosodic II. Trondheim: TAPIR, 1981, p.11-140.

_____. *Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited*. In: ARONOF, M.; KEAN, M.-L. (eds). Saratoga. Anma Libri. 1980, p.107-129.

_____. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. In: Nordic Prosody, T. Freitheim (ed), 1978, p.111-140.

SILVEIRA, S. da. *Fonética Sintática*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1971.

SLUYTERS, W. *Length and Stress Revisited: A metrical account of diphthongization, vowel lengthening, consonant gemination and word-final vowel epenthesis in modern Italian*. Probus, v. 2.1, Foris, 1990, p.65-102.

TENANI, L. E. *Domínios Prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

TENANI, L. E. *Considerações sobre a relação entre processos de sândi e ritmo*. Estudos da língua(gem). Questões sobre a Fonética e Fonologia: uma Homenagem a Luiz Carlos Cagliari. Vitória da Conquista. n. 3: Junho de 2006, p.105-122.

THORNTON et al, BDVB. Una base di dati per il vocabolario di base della lingua italiana. [BDVB: A database for the Italian Basic Dictionary.]. Roma: Bulzoni Ed.,1997.

WHEELER, M. *The Phonology of Catalan*. Oxford University Press, 2005.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli Minore*. Bologna: Zanichelli, 1994.